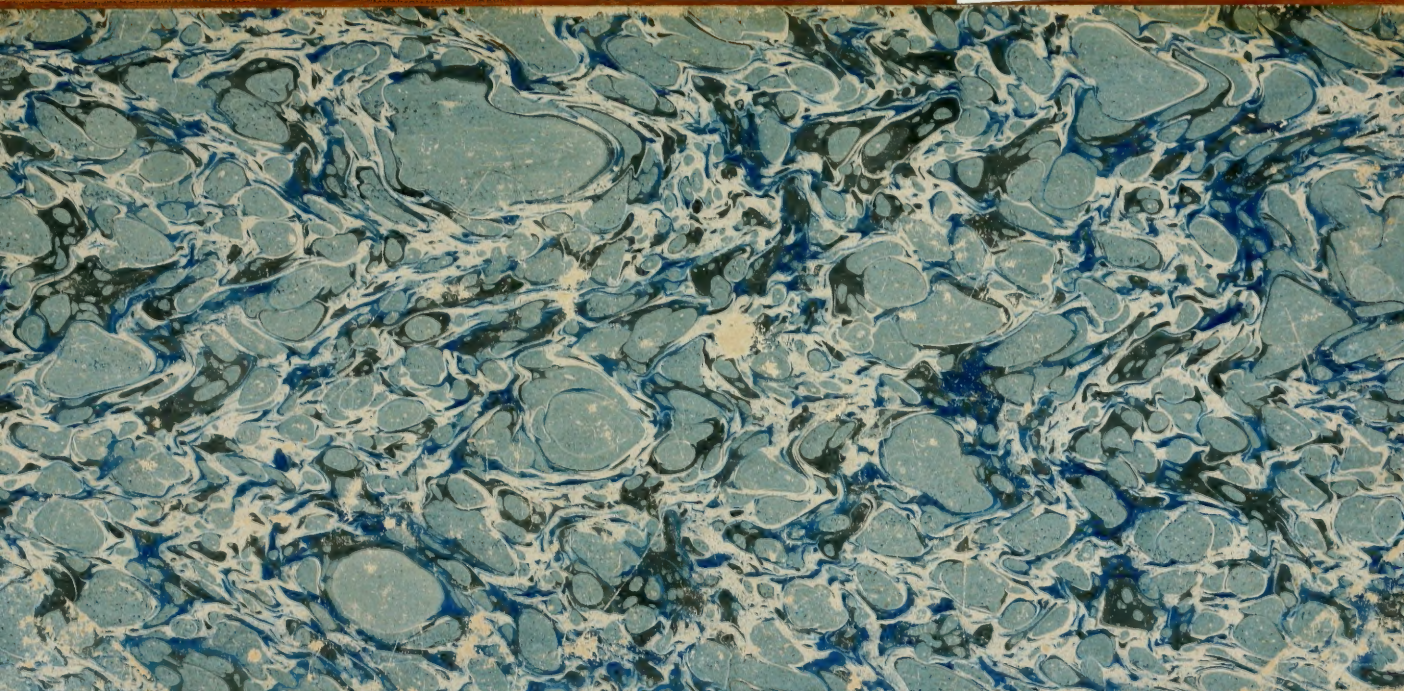
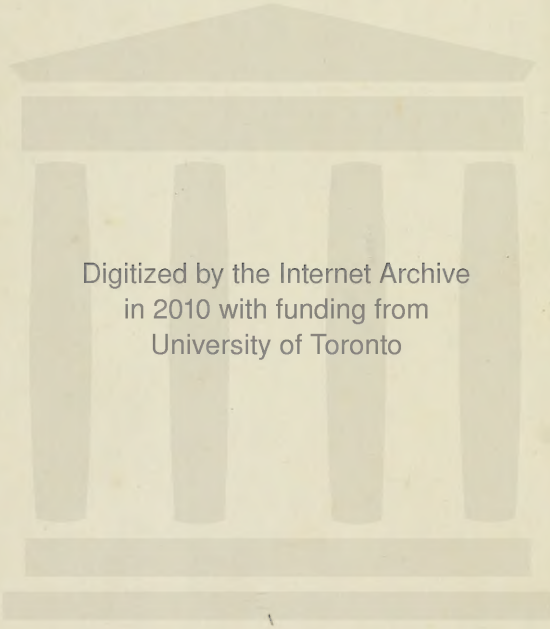
3 1761 07047932 4




Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mefistfeleseml00leal

A – p. p – 235

GOMES LEAL

MEFISTÓFELES EM LISBOA

25852

Alcobaça
11/10/916

LIVRARIA GUIMARÃES & C.ª EDITORA
LISBOA — 1907

Mefistófeles em Lisboa

GOMES LEAL

MEFISTÓFELES EM LISBOA

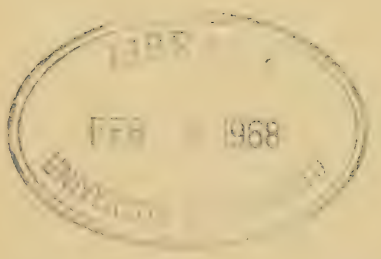
LISBOA

LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.ª

68, Rua de S. Roque, 70

1907

PQ
1261
G64M44



AOS SEUS QUERIDOS AMIGOS

João Chagas
Affonso Gayo
Alfredo de Nascimento de Carvalho
Mayer Garção
Amadeu de Freitas
Guilherme de Sousa
João Bèlard da Fonseca
Antonio Aurélio
Luiz Barreto
Santos Tavares

Oferéce e dedíca

Gomes Leal

Lisboa, 4-5-905.

PREFACIO PEQUENINO

Desembarquei n'um lindo dia de Maio — limpido como a consciencia do meu prior! — juntamente com uma risonha parisiense do *ex-baile Mabille*, que quiz por força líbar Champagne sob as larangeiras em flor d'este baluarte heroico e azul — favorecido com os beijos das luas e das melodiósas marés, — e romantico como a esplanáda feudal do velho rei de Thule.

Com Fanchette — a dita loira parisiense que não cessou nunca de rir com os seus dentinhos cláros, — eu admirei sucessivamente, além das suas gratissimas sombras e folhúdas ramágens — as suas esbeltas e donairosas colinas: sofrendo já um tanto de calvicia como o guerreiro Cesar, mas ainda assás sensiveis ao *flirt* dos rouxinóes.

E sem parar, sem me deter, continuei a visitar todas as suas avenidas quasi sempre ás escúras de noite (para não cançar talvez os acendedores de candieiros...) todas as suas estátuas heroicas, mas ornamentadas com cás-

cas de ervilhas... todas as suas rúas cheias de sol, mas semeádas de folhas de alfáce... e todos os seus *trottoirs* que ainda parécem moiros, mas onde púde constatar, com satisfação, o verde frescor das suas hortaliças cristãs.

Creio mesmo que d'estes fragmentos de alface — semeáda com tanta liberalidade pelas rúas, que paréce estárem abrindo o apetite para uma saláda — é que provém aos seus pachorrentos habitantes o poético nome de *alfacinhas*.

Mas, depois de todas estas delícias sociaes, sofri como reação desagradavel: não o prosaico enjôo a bórdo, como o divertido e estouvado namorador *D. Juan* de Byron: mas as tribulações de um barbaresco lazarêto: os encontrões e as apalpadelas das suas aduanas, onde até tentaram fiscalisar as protuberancias carnaes de Fanchette: e, finalmente, as nauseas dos seus argelinos ou marroquinos saguões da *Baixa*, que não são positivamente umas perfumarias, nem trescálam a essencias de jardins, apesar de n'elles entisicarem craveiros burgueses e papagaios reaes. Ah! quantos contrastes nos melodramas da existencia e nos saguões!...

Percorri, pois em todos os sentidos esta branca cidadesinha do Sul, que já foi uma romanesca moira encantada em tempos medievaes: mas que hoje, em vêz das rótulas e das adúfas, d'onde ella espreitava os guápos *emires*, e os *pachás*, e os *derviches*, possúe umas janéllas todas floridas e estreladas de alecrins e craveiros, d'onde espreita os seus amanuenses, os seus bachareis, e os seus alféres, de cinta vaporósa e virginal espáda.

E' por que Lisboa — cáro leitor — não abdica jamais,

(como todas as pessoas do seu sexo gracioso,) da prerogativa feminina de espreitar alguem!...

Crusei pois com a maior attenção todas as suas ruas, travessas, páteos, alfúrjas e tortuósos bêcos, alguns do tempo ainda dos gôdos, dos céltas, ou dos moiros, — e os quáes decérto por amor á arqueologia, — ainda continuam a ser tão tortuósos, tão gôdos, e tão moiros, como d'antes éram.

Observei, com enternecimento, tudo quanto n'este pachorrento cantinho azul plantado de larangeiras ou de acácias em flor, me pareceu verdadeiramente nacional, tradicional, patriarcal, — e famoso. Contemplei deslisárem melancolicamente os seus amanuenses corcovádos e com olheiras: — os seus poétas que aspiram apenas á morte e á paz religiosa debaixo dos ciprestes, mas quasi tão rosádos como maçãs reinêtas: — os seus bachareis fecundos e verbósos, mas que reservam os seus discursos só para a hora suave dos pudins: — e finalmente os seus alféres, que dizem estar tão preparados para as batalhas campaes da Patria, como para as do Amor, quasi todos tuberculósos e de lunêtas.

Contemplei enternecidamente o Tejo de crystal e os *pretinhos de S. Jorge*... o *Homem de ferro* do Corpo de Deus e a *feira da ládra*... o gazómetro dos Jeronymos e a arquitectúra extranha da *Casa dos Bicos* e do *Cunhal das Bolas*. Desbarretei-me deante dos cirios *aguardentádos* da Atalaia e da Senhora do Cabo... dos Conselheiros do Tribunal de Contas e dos archeiros da Casa Real... e tudo isto, leitor, com aquelle chinez respeito que todo o *touriste* tém pelas reliquias, as múmias do Passado, e as cebôlas do Egypto. Mas depois de haver tu-

do isto bem admirado, contemplado, e encarecido: depois de me haver bem extasiado, sorrido, tossido, cuspido e até embasbacádo deante de todas estas cousas historicas, gôdas, celtas, romanas, mosarábes, bysantinas, e até do tempo das princesas do Moirama, assentei-me uma certa tarde de Agosto, ao sol pôr, n'um banco do Terreiro do Paço — o antigo e vetusto *Cáes das Colúnas* — como um burguez do tempo da *Casa Vinte e Quatro*, desdobrando o seu lenço encarnádo. E ali, aspirando as brizas salgadas do Tejo, tive occasião de admirar ao mesmo tempo a arquitectura pombalina, um tanto pezada como uma cervejeira holandesa, e o Arco da Rua Augusta, cújo relógio, coitadinho! é surdo e mudo de nascença: a estatua equestre de um cavaleiro real, que saía a passear sem lúvas: e a bizarria um tanto melancólica, desolada e pelintra, de um velho torreão feudal, todo construido de papelão caiádo, e pretendendo imitar um granito veneravel e historico; mas que está bastante achavascádo pelos granizos e os temporaes, semelhando uma ruina de magica de Manini.

Pobre imitação vulgar, chué, e baratinha!... Misero torreão feudal de cartonagem escalavrada e encardida!...

Não, eu não me rirei de ti, palavra de Mefistófeles!... Tu és tão lamentavel no teu burlesco aparáto, que te evádes ao Riso. Pelo contrario, bofé! creio que, se eu fôsse lusitano, uma lagrima orvalharia e humedeceria os meus velhos bigodes sarcasticos!... E' porque tu, misero torreão feudal de magica, n'uma cidadéla de heroes, és um símbolo lutuoso. — E's pungente como Milton cégo, com uma

pála nos olhos, apregoando cautelas: és trágico como D. João de Castro, vestido de *cloŵn*, e a dar cabriólas.

Não creias porém, depois d'isto, caro leitor! que eu escrevi um livro esvurmando sangue e pús, como um melodrama do Codigo Penal. O que váes lêr é uma cantante enfiada de risadas cristalinas, como que trinadas por um endiabrado pagem alegre, mascarádo de setim côr de fogo.

E' como que um éco das casquinadas argentinas, que tu tens escutado, por vezes, ao despertar de um sonho, ou de uma embriaguez deliciosa, depois de uma folía de baile de mascaras. E' um livrinho encantador, feito para te desenrugar e desenfastiar dos poetas que padecem de fígado, e que querem meter-se a frades. E' um pequeno album de folhas doiradas onde encontarás, pregadas com alfinetes de rubins, borboletas quimericas eazues. E' um feixe de sonetos aérios, ligeiros, volateis, graciosos, que eu escrevi e dediquei a Fanchette, emquanto a deliciosa e agaiatada *gavroche* fumava cigarrilhas turcas, e esvasiava a sua quarta taça de champagne *Clicquot!...*

Ainda mesmo depois de o lêres até á derradeira pagina, não poderás separar-te mais d'elle, e não deixarás de o trazer sempre comtigo: em viagem, nos comboios, nos campos, nas thermas, nas praias. E' porque elle te fará sempre rir, como um comensal alegre, que, ás horas do *absyntho verde* ou do loiro *cognac*, de charuto na boca, te conta anedoctas galantes.

Não cuides porém que elle troce das tuas virtudes símples e primitivas: que escarneça e meta a ridículo a sobriedade ou a economia laboriosa dos teus plebeus Avós:

ou que mófe das antigas tradicções de honradez, de lisura, ou de mediocridade simples dos teus honrados petintaes e mesteiraes d'outras eras. Nada d'isso. Elle caricatura apenas a farfalhice espaventosa: o desastramento caricáto na elegancia do plebeu: o luxo encardido, postiço e trivial, mais burlesco do que os andrajos ou os fundilhos do indigente: o aceio problematico de muitas saias ornamentaes, que teem vinte vezes viajado — em viajens de ida e volta — ás tinturarias baratas: as pitorescas *barcas de banhos de mar*, cheias de detritos sujos e de alforrécas: e, finalmente os taes *five ó cloke tea* tão sintomáticos, e em que se encontram viscondes com titulos de bêcos pouco eufónicos, ou marquezas, ostentando nos seus brazões, recantos de hortas pastoris, bicas nacionaes, e chafarizes.

E não é somente isto, ó *vanitas vanitatum!* das cousas terraqueas. E' a dissimulação constante, ai de mim! nos diplomátas e nas pernas das bailarinas: nos — generos alimenticios e nos sorrisos dos confeiteiros: — nas elegias melancólicas dos poétas, e nas tranças postiças. E' a comedia da ostentação em certos palacios tão veneraveis! tão imponentes! tão magestosos, por fóra!... mas sofrendo lá dentro, tristemente, da ausencia de retrêtas e banheiras.

São as mulheres de fórmas esculturaes, somente devidas aos artificios das suas modistas: — são os altissimos edificios de tranças côr de sol ou côr da treva, comprados nos cabeleireiros que impingem cabeladuras de pessoas falecidas de tisica e de ictericia: — é, finalmente, a contrefação da *pudicicia* virginal, bem estudada ao espelho, mas já

bastante suspeita e duvidosa, depois da sua quarta ou quinta queda... n'um sofá côr de rosa.

Nada mais digo em pról da minha filosofia. Acende, leitor, o teu melhor charuto... bebe um calix do teu melhor *cognac* ou do teu melhor *wiski*... corta com a tua faca de prata oxydada as folhas d'este livrinho famoso... e conhecerás quanto elle é profundo e instructivo, como um filosofo que se fêz palhaço, ou um palhaço que se fez filosofo.

Um abraço, carissimo leitor.

Meus cumprimentos á tua esposa e aos teus meninos.

MEFISTÓFELES.

Primeira Parte

Gargalhadas no Macadam

Historia de uma Cidade linda e dos seus feios pecádos — Os seus jardins, as suas rósas, e os seus galanteios — Os seus Alféres e as suas *Meninas da Baixa* — Os seus bachareis e os seus pianos — Os seus palacios e as suas meias sújas — Os seus esplendores e as suas Condessas de quinto andar — Serenádas sentimentaes — A Viola da Alfama e a Guitarra da Mouraria.

DEDICATORIA A FANCHETTE

I

As pombas vôam pelo azul brilhante,
como as de Siloé, cortando o rio.
O que diria Ophélia, a etérea amante,
assentada n'um banco do Rocio?...

O que diria *Hamlet*... esse sombrio
sonhador de fantasmas, ou o Dante
anguloso, monastico, cortante,
debruçado da torre do Bugio?...

O que diria o rei de Thúle edoso,
deixando o seu balcão feudal, musgoso,
ao penetrar na Rua dos Fanqueiros?...

Não sei. Sei ó Fanchette caprixosa!
que adoro esta bahia voluptuosa,
... e hei de aqui resonar mezes inteiros!

II

Aquí é a terra dos jardins felizes
como os pintou Camões... *sem deusas núas!*
É canteiro das rósas e dos lyzes,
dos rouxinóes e do gentil D. Fúas.

Não abunda o *foie gras*... mas ôstras crúas,
estólas, catedraes, sobrepelizes.
Crescem aquí, na alma, ervas, raizes,
como em ruínas e desértas rúas.

Aquí, a alma engórda como um páto,
como um capão católico e beáto,
ou douto abáde que ama o latim só...

Vem, ó Fanchette das *coquettes* sáias!
sob estas frescas e pagans olaias,
... e entre estes loireiráes, *fazer ó-ó!*

III

Músa do asfálto! Astro do *boulevard!*
olvída aquí os bailes do Mabile.
Qual no bósque, a princeza Flor de Abríl,
aquí te apeia... aquí vém dormitar!

Esquéce, esquéce a lúa do *trottoir!*
Olvída as ceias no *faubourg* gentil,
no *Moulin Rouge,* e esse prazer subtil
— de ouvir as rôlhas do *Clícquot* saltar!...

Esquéce as sãs risádas cristalinas
d'essas bohémias ceias néo-latinas
de ostras crúas, Bordéos, e o deus galan.

Cóbre as tranças com cinza dos Ascètas!
Põe-te a mágros jejuns de piruêtas.
— Saudêmos o Magriço! — Adeus *can-can!*

LISBOA! LISBOA! LISBOA!...

Lisboa! terra azul que ama a andorinha,
e onde aportou Ulysses, diz o Myto,
a vêz primeira que te ví *Rainha*
das Agoas..., jantára eu lingoádo frito!

Remordia entre os dentes um palito,
quando no hiáte em que eu casmúrro vinha,
se agarra a mim um bicho da cosinha,
e clama, o *Tejo! o Tejo!...* Que bonito!

Decérto és linda, sim, ó Moira, ó Fáda,
nos laranjaes e as agoas reclinada,
nos jardins, nos cristaes, no teu Castélo!...

Mas, na mourisca e medieval Alfama,
lembras-me Vénus calcanhando lama,
— mostrando aos rouxinóes... *vilão chinélo.*

A VIÓLA DA ALFAMA

Vióla triste da feudal Alfama,
berço gôdo de heróes que amáram riscos!...
Lisboa põe-te ao peito, e canta e exclama,
— como nos tempos dos soláos mouriscos.

O môço Egas Moniz, sem tons ariscos,
aquí ternos soláos tangeu à dama,
por esses turvos bêcos da moirama,
em que hoje há vís alfúrjas com petíscos.

Bástas vezes aquí os arrabís
dos Infanções, Gardíngos, e Alvasís,
se desatáram em chorósos ais..,

para as adúfas das preciósas moiras,
as quaes *namoriscávam* como as loiras
— e piscávam seus olhos orientaes.

O TÉJO DE CRISTAL

Ó Rio côr de anil! que o tenro infante
ouve chamar *espelho cristalino*,
quanto assunto não déste ao Rosalino,
quando canções tecia á vêsga amante!

— Ó rio afável como á tarde um sino!
— Rio amoroso como a *Ignez galante!*
que vêzes, a um piano relinchante,
eu ouvi tanto máo alexandrino!...

Com a mão no nariz, n'um barco á vèla,
quanta noite, ao luar, Fanchette, a bella,
me disse a rir: — Que arômas do Indostão!

E eu tornava, mui dôce, em vóz macía:
«— Não são arômas dos jardins de Armia!
— São essencias das rósas *do saguão!*»

O LAZARETO

Com loira parisiense que sorria,
com ar *mignon*... entrei no Lazarêto.
— Bem lazarenta é tal hospedaria!
— As camas são mais duras que um espêto!

Penetrei gordo aqui... saio esqueleto.
Cada ôvo um tostão! Por uma enguía,
dúas boláchas, salpicão, letría,
dispendeu dois milhões um *rajáh* preto.

Se eu não fosse um diábo bom rapáz,
namorador, folião, trocista, audáz,
amigo do bom vinho e o travesseiro,

o meu furor seria sem limite...
Arrasáva a tal chóldra a dinamíte,
— e enforcáva o ladrão do dispenseiro!

UM EQUIVOCO NA ALFANDEGA

Parecia o D. Quixóte na magresa,
quando saí da tal baiúca insana. (1)
Torci pois meus bigódes á francesa,
já que não tinha ao lado a durindána.

N'isto acorrem sujeitos da Aduana,
—cavalheiros de mágna gentileza—
mas que ás málas se agarram com tal gana,
quaes tubarões ou jacarés á prêza.

Mas o péor foi quando n'esta liça
pretenderam sondar a anca roliça
da garbósa modista de París...

Houve risos, galhófas, turbamúlta.
Julgavam que a Fanchette tinha oculta
... uma caixa de *havanos* nos quadrís.

(1) O Lazareto.

OS SENHORES DA ARCADA

Entrei na Arcáda, de bigode aos ventos,
de bráço dádo com Fanchette, a loira . . .
Correm logo a abraçar-me novecentos
precláros figurões que o Milhão doira.

Mefistófeles cá! Oh! que tesoira!
que linguinha de prata! . . . bradam centos
de côcos, de plastrons, de turbulentos
bigódes, barbas ruivas de cenoira.

Ví-me em pancas! Chuchei milhões de beijos,
de abraços, de apertões, chistes, motejos,
convites a saràos, ditos argùtos . . .

Mas, apóz um tão intímo cavàco,
achei-me sem carteira no casàco,
—sem relògio... Fanchette... e sem charútos!

SERENADA
NA RUA DOS FANQUEIROS

Fanchette noticiou-me em tons guerreiros,
que um *attaché* ousára arrebatal-a,
e agora tinha albérgue, alcôva, sála,
na mui pacáta rua dos Fanqueiros.

Corro á noite, a extasial-a com pandeiros,
com guitarra que as almas avassála,
com *ais* de flauta que tristeza exála,
com castanhòlas... trombetins festeiros.

Não se enxérgam senão pelas janélas
candeias, lampeões, rôlos, e vélas,
barretes de dormir, cáras com rúgas...

São bojúdas Mamans, surprêzas, gratas,
d'olhos em alvo, ao ouvirem serenátas
... na rua das ceroulas e as peúgas!

A CASA DOS BICOS

Tem o Egypto as Piramides gigantes.
Tem Roma o Vaticano e paineis ricos.
Tem Lisbôa os archeiros hilariantes,
mais a casa estrambólica *dos bicos!*

Fanchette quando viu taes mafarricos,
deu gargalhadas taes e abracabrantes
que emparveceu tres loiros estudantes,
tres bachareis... tres chantres... tres burricos.

O autor d'essa atróz semsaboria
d'essa *Alhambra bicúda*... certo havia
de sêr por tróça iluminádo a rôlo!

Nos dias do meu Tédio fastiento,
passo alí, a caválo, a tróte lento,
... e río como um *clown* sem miôlo!

AS RUAS DA *BAIXA*

Gósto da *Baixa* e inda mais do entôno
com que a exaltam dentistas mui sisúdos!...
— Seus passeantes teem ar de cabeçudos!
— Alguns parecem tropeçar com sôno!

No Rocio ha um heróe que avesou trôno,
mas que hoje móstra ser rei dos canúdos! (1)
Na Alfama medieval, bêcos bicudos
lembram moiro aduár, por céo de outono.

Nas ruas enxameiam hortaliças,
repôlhos, *billets doux*, tranças postiças,
e até feijões do loto e voltarête...

de tal guisa, leitor, que o meu namôro
viu-me falhar um pé, e ao seu rir d'ouro,
— esfreguei o nariz n'um rabanête!

(1) Este monumento já foi demolido. — G. L.

OS PASMADOS DAS ESQUINAS

O *lazzaroni* em Nápoles calmósa
dorme ao sol qual lagarto entre ruínas...
Aqui, n'esta cidade, nas esquinas,
uma turba se encósta assás curiosa!

São os *pasmádos*... multidão ociósa
que passa a vida a vêr passar *meninas*
da *Baixa*, com olheiras, mui franzinas,
mágras, *tez de lombrigas*, vóz nervósa.

São pelintrões alguns, outros casquilhos
de rosa chá ao peito e com fundilhos,
de bôca hiante, á esquina d'uma práça...

Que oficio ou que arte teem?... São cangalheiros,
sacristães, ou palháços, ou coveiros?...
Teem um oficio só — *é vêr quem passa.*

SUAS EXCELLENCIAS, OS POLICIAS INCIVIS

Soirée de gala — Rósa chá ao peito,
vou com Fanchete á noite, aos *cabalinhos*.
Cása cheia — Um peralta sem respeito
pisa à Fanchette os niveos sapatinhos.

Ergo o *muchácho* ao ar com graça e geito,
mas sem lhe amarrotar os colarinhos,
quando, n'isto, um policia alto e perfeito,
bóta-me a vóz de prezo! sem carinhos.

Mando o policia ao tecto do teátro.
Correm logo ao motim mais tres ou quatro.
Fanchette chóra como o rio Pó...

Por fim lá foi, cheirosa à *veloutine*,
mais eu, de rosa chá, lúvas, *badine*,
— as pulgas visitar do *chilindró!*

PREGÕES MATINAES

Passo ás vezes na cama um dia inteiro
de pápo para o ar, como um madraço...
fumando qual filósofo ou palháço,
— sem mulher... sem cuidados... sem dinheiro!

É de manhã então que me é fagueiro
ouvir trinar no cristalino espaço
um pregão mais macio que um regáço,
que se esváe a carpir... como um boieiro...

De manhã é que passa a leiteirinha,
com seu pregão chilrádo de andorinha,
passam varinas de gargantas sãs...

E ao escutar taes cantantes semifúsas,
eu creio que oiço ao longe as frescas Musas,
— a vender úvas e a pregoar maçãs.

A MENINA DO REGIMENTO

I

Deitei-lhe o meu monóc'lo, ao passar, certo dia,
no meu baio trotando e com meu ar *galan*.
E essa bôca gentil, côr de rósa, sorría,
— e escreveu: — *Amanhã!*

II

Mais tarde requestei-a, em casa. O seu *papá*
afirmou-me: *E' a mais leal d'entre as mulheres!*
Porem, quando saía, encontrei n'um sofá,
o *kepi* d'um alféres.

III

Certa noite, ao luar, corría meiga a brisa,
no jardim osculei o seu labio tremente.
— Eis que pé ante pé, sobre areia deslisa
o vulto d'um tenente.

IV

Uma tarde,—éra Abril—ouvindo um canto grato
do seu piano aos sons, premí-a ao coração.
Eis que, n'isto, lhe cae do corpete o retrato
d'um guápo capitão.

V

Outra noite, jogando o *écarté* comigo,
cae-lhe uma carta ao chão. Abaixo-me, que horror!...
Vejo o seu pé gentil, qual aliado amigo,
sobre o pé do major.

VI

Quando foi S. João — ha datas bem funéstas!—
queimou morteiros mil, com dragões e com pombas.
O' Céos! rugi então:—Ama o general Festas!
pois já gosta de bombas!

A VISINHA DO CANARIO

N'outros tempos morava ali defronte
certa loirita de sorriso aládo,
cujo canário vinha ao meu telhado,
fugído, gandaiar, qual réo a monte.

Corria a bela — o pejo sobre a fronte —
risonha, a reclamar-me o estroina amado,
e os beijos que eu lhe dáva éra um trinado
d'arias em «*si bè-mol!*» . . . Quem ha que os conte!

Eis cae na asneira de morrer o loiro!
E lá se vai o *flirt!* . . . O meu tesoiro
no fim do mez, procura outros lararios.

Nunca mais beijos dei na tal pequena.
Porque morreste ó bicho? — Forte pena,
que o Pae Abrahão não fosses dos canarios! . . .

O PUGILATO ORTOGRAFICO

Saía a tasquinhar uma banana,
e a assobiar o *Barba Azul,* contente...
quando um homem de farda, e outro á paísana,
se esmurram e assopápam rijamente.

Ferro pelo cachaço o mais valente,
o qual me diz com cólera e com gana:
— «Saiba o senhor que esta guerreia insana
«é toda por um *chicharo* somente!

— Um *chicaro!* guincha o outro mais trigueiro
que tinha as omoplátas n'um pandeiro,
e em sarrabúlho as ventas e o nariz...

«Maroteira mais pícara não ha!
«Chicharo escrêvo eu, com *ch.*
— *Ousa escrevel-o este marão com* X.

O CHIÁDO

Quem váe a algum museu de zoologia
vê empalhádos animaes extranhos,
vê Orangos de todos os tamanhos,
contempla os reis de toda a bicharía.

O estrangeiro que apórte aqui um dia,
e pretenda estudar lúsos engenhos
frequente as praias e estações de banhos,
—o Chiádo, a Avenida, a Mouraria.

Instále-se sobretudo no Chiado,
e fumando um bom *bréva* de cruzado,
trincando no Baltrésqui um pão de ló...

verá o ramo único e curioso
do Macaco celtibero famoso:
—*o Simio—hipocondriaco—liró!*

A AVENIDA

Isto sim! Que amplidão! Que azul! Que ar!
O cérebro que isto ideou, não era ôco!
Narram que foi um confeiteiro amouco,
que tal óbra empreendeu alta e sem par.

Ilustre homem devéras singular!
máo grado o povoléo têl-o por louco,
pois se a empreza foi d'elle, o *boulevard*
—foi, juro! o seu melhor pastel de *côco!*

Este heroico e glorioso confeiteiro
déve ter uma estátua e um bom letreiro,
que ás turbas réze, em lapidar teor...

«Donzélas que vagueais n'este arvoredo!
este alvitre escutae, muito em segredo:
— Enchei de assucar o pastel do Amor!

A SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Entrei nas salas com Fanchette, a *chic*,
luzindo sedas caras, dando-se ares...
— Vi salas mui pomposas, vi bilhares.
— Vi cem mapas de Angòla e Moçambique.

Vi dois chinélos do *precláro Henrique*.
Vi frèchas de selvagens singulares.
Quanto a mapas vi centos... vi milhares...
— sempre a exaltar as tradições de Ourique!

Peguei n'um táco e fui jogar, fumando.
Mas deu-me trépa mestra um tal Armando,
que eu cortejei por tão certeiras bólas.

Bráda-me, a isto, o lúso sorridente:
«Temos perdido a Africa e o Oriente.
— Mas não temos rivaes ás carambólas!

BRAZÕES ARTE NOVA

Os brazões da Marqueza da Flor Grata
são *cravos a florir uma seteira.*
Fêl-os gravar nas portas da cocheira,
no frontal do palacio e em toda a prata.

Fêl-os gravar na loiça e até na lata
da cosinha, no búle, e na chaleira,
no *ededron*, mais nos *sevres* da loiceira,
nas peúgas do marquez, na propria bata.

Fêl-os gravar na sua carroagem,
nas camisas mais finas do que a aragem,
nas meias côr de rosa e os travesseiros...

Mas o mais fantasista e o mais jocundo:
é que os gravou no fundo... bem no fundo...
de um vaso, onde ninguem planta craveiros.

A MENINA DOS BANDÓS

Com vastos, negros, triunfaes bandós,
chega á sacada a flôr dos meus enleios...
Que extranhos sonhos, doces devaneios,
sob azas taes, eu sonharia a sós!...

Audaz cartucho de nevados pós
lhe arrójo, e os tórno côr dos brancos seios.
—Cerra a bela a vidraça e nomes feios
me atira com desdem, fidalga voz.

A dama que ofendeu-se de empoáda,
torna horas depois enfarruscáda,
a face côr da flôr do pecegueiro...

A final o que foi?—Diz-me a ladina
creada, que «*pescou*» muito em surdina,
dar-lhe um beijo o marão do cosinheiro!

O ALFERES SENTIMENTAL

I

A que ali passa... amou um certo Armando,
fino, elegante, assucarádo alferes.
—Passava a noite o alfer's namoriscando.
—Ella, dengue, esfolhava malmequéres.

Quem tem vagar, dizem que faz colheres!...
Eu na minha varanda, disfrutando,
e fumando, ao luar, de vez em quando,
—odes fasia as nuvens e as mulhéres.

Mas eis que certa noite, á luz da lua,
lobrígo coisa que ao luar flutua,
e uma voz musical que a noite acorda...

E o que é que eu vejo, o céos!—A etérea Elvira,
com pulso varonil que um Turco admira,
—içando o loiro alfer's por uma corda!

POSIÇÃO SINGULAR DE UM ALFERES

II

De manhã, quando trina a cotovia,
da janela saiu o alfer's fardado.
— Vinham já vendilhões para o mercado.
— O leiteiro atroava a freguezia.

Devagar, devagar, o alfer's descia,
assim como, ao luar, subira içado.
Elvira, de cabello esguedelhado,
as bochechas inchára e até tossia.

Mas, n'isto, chama o pae pela *menina*.
Enróla a corda a um prégo da cortina
logo a donzella das ideaes olheiras...

Do *papá* corre lépida ao chamado.
E eis que lá fica o alfer's dependurado:
— de farda, espada á cinta, charlateiras. (1)

(1) Como se usou ja.

A MARQUEZA DO CHAFARIZ DE DENTRO

Vendeu frescas, saudaveis hortaliças,
a cheirosa hortelã, mais o coentro,
a mamã d'esta *hourí* de ancas roliças,
Marquesa ideal do *Chafariz de Dentro*.

Quando a encontro, por mais que me concentro,
não sei como o marquez, *rei dos linguiças*,
unido a fórmas taes, rijas, massiças,
tem inda a pele, e a sã Razão, no centro.

Outra coisa tambem me desconcérta
na escultural e altiva D. Bertha,
Rainha dos salões e feiticeira,

carne feita de rósas e velúdo...
é ter um chafariz no excelso escudo,
e não ter no palacio uma banheira!

O PARLAMENTO

Fanchette diz-me com a voz de prata
mui perlada, gentil, vóz de operêta:
— Quéro ir ás côrtes! — Fala o Alvim, poéta,
cuja eloquencia d'oiro me arrebata.

Fomos lá. Antes fosse a uma regata!
Nunca vi n'um chinquilho o mais jarrêta
tanto verbo em tamancos, sem jaqueta,
— e tantos adjetivos sem gravata!

Fanchette sae de chófre toda irósa,
e disse abespinhada e côr de rosa:
— Não mais virei aqui! Que scenas réles!...

Todos teem — repliquei — bóta engraxáda,
marcam bem *cotillons*, sabem taboada.
O que lhes falta pois?... *Falta o João Félix* (1)

(1) Autor de um famoso *compendio de civilidade*.

HORAS DE SPLEEN

N'esta cidade aborrecida e môna,
passo horas de *spleen* estiraçado...
sobre um *díban*, ouvindo um máo teclado,
ou rechinar monótona sanfona.

Lembra-me então a *Infanta Magalona*,
oiço os miáos de um gato n'um telhado,
sigo o zumbido de um mosquito aládo.
— tómo *hastchíz*, morfina, ou *beladona*.

Mas n'isto, rompe o sol a névoa aquatica,
vem com capa de asperges ou dalmática,
toda d'oiro e rubins ensanguentados...

Quéro então ser Grão Turco. — E nas ventoinhas
das torres, empalar os *alfacinhas*,
— com crepes de chorões *gatos pingádos*!

POLIDEZ DE UMA ALFACINHA

Amei certa mulher de tez mais fina
que as filhas de Albion de róseas cores.
—Por ella fiz asneiras, fiz horróres.
—Fui «*lambécha*», D. João, fui *pápa fina*.

Fiz-me moço de fretes e a uma esquina
noite e dia fitava-lhe os «*stores*».
—Via-a á tardinha vir regar as flores.
—Escutava-lhe a voz doce e argentina.

Certa manhã chamou-me... A séte e séte,
galgo os degráos aos púlos. O Macbeth,
era molle, ao meu pé, era pelíca.

Afinal bato á porta. Assóma a fada.
E diz-me n'uma vóz meiga e cantada;
— *Vá chamar a mulher da fáva rica*!

A MISSA DO LORETO

(Da carteira de um *dandy*)

Pontualmente, aos domingos, á uma hora,
vou assistir á missa do Lorêto.
E' quando a fidalguia que namóra
vae vêr o Pae do Céo... com ar discréto.

Friso bem o bigode — E como o Hamleto
tómo o ar infausto do *bom tom* de agóra,
mas vou catrapiscando alguma loura,
fidalga, senhoril, de augusto aspeto.

A' saida, vou pôr-me em pasmaceira,
torcendo em *cróc* a minha bigodeira,
com a *badine* ameaçando o Azul...

Cravo o *lorgnon* nas pernas elegantes.
Desço logo a Avenida em trez instantes.
— amando até morrer, qual rei de Thúle!

OUTRA POLIDEZ

Uma outra vez, a rir com Sousa Gayo,
estando eu mui «liró», de rosa ao peito,
chega ella á porta e chama o seu lacaio,
que estava ao fim da rua — hirto e direito.

Esbaforído, tomo o caso a peito,
atravésso o Chiado como um raio,
na lama, por um triz, não tombo e caio,
trago-lhe o trem — e salvo-a com respeito.

O que faz a maldosa? — Com sorriso,
mais gentil que as maçãs do Paraiso,
e um geitinho especial, que éra o meu fraco...

Como o direi, pois que isto o horror exéde?...
Pôz-me nas mãos, calçadas de «*suéde*»
— um venenoso e tragico «*patáco*»! (1)

(1) Hedionda moéda de bronze, com a efigie de D. João VI.

S. CARLOS NO CARNAVAL [1]

Fui á Opera em gôrda terça feira,
supondo vêr o mais gentil entrudo,
crendo vêr o *dandysmo*, o chiste, tudo
mais gracióso e galan na brincadeira.

Só vi ovos, pasteis, e toicinheira,
— tudo o mais gordurento e mais chorúdo —
macular cólos, tranças de velúdo,
qual campónio enlaivando a lavadeira.

A' condessinha Alvim, que me interróga
sobre o que penso d'esta extranha dróga,
a rir tornei-lhe, sem feições ariscas...

Apezar de saír com face iléza
da guerra do toicinho à portugueza,
— palavra, que acho mais decente as *iscas*!

(1) Isto deu-se no Carnaval de 1903.

AS CONDESSAS DE QUINTO ANDAR

N'este jardim plantado á beira-mar,
que nunca descreveu Paulo de Kok,
ha condessas gentis de quinto andar
que não faltam jamais a um *five-ó-cloke*.

Móra lá uma em cima. — De smóke [1]
anda um janóta de arrogante olhar,
fasendo cêrco à dama no *trottoir*,
em quanto guincha a mãe que não tem cóke!

Silencio! a béla sae — Ofúsca a vista,
com seu chapéo não pago na modista,
com rendas, plúmas, gazes, espiguilhas . . .

Mas em quanto assim lúxa a Condessinha,
a mãe rôta e pingona, na cosinha,
— fica, encrusada, a descascar ervilhas.

(1) Abreviatura aportuguesáda de *smoking*.

A GUITARRA DA MOURARIA

Amo a tua guitarra, ó Mouraria,
em que um *dôer* mourisco nos desóla,
e as almas, sob a lua, acaricia,
como da Alfama a passional vióla!...

Bem galantes soláos tambem carpia
Sevéra, essa Ninon de *naifa e móla.*
Mas ha sangue em teus ais!... Tua magia
quantas vezes não traz a Crúz e a Estola!

Vae alta a lua. — Apóz a cavatina,
Almaviva, com zêlos de Rosina,
dá seis golpes na amásia, com furor.

Almaviva é marújo e de melênas.
Prisões, guitarras, ais, céo de açucenas.
—Súrge a Policia... e *prende, em fralda, o Amor.*

SERENADAS SENTIMENTAES

Veneza, essa rainha do Adriatico,
tem os queixosos ais das barcarólas,
a Hespanha cortesã, de génio erratico,
a pandeireta ardente e as *castanhólas*!

O moiro grave de albornoz dramatico
tem hinos castos como ideaes estólas.
Um fatalismo mistico e asiatico
geme em seus *arrabis* . . . lúsas violas.

Da guitarrilha as lúsas cantilenas
teem maciesas de um luar de pennas,
e um misticismo d'ais sem remissão . . .

quando ellas gémem ao descer das sombras,
ou cáe a lua nos chorões e alfombras,
sonho ser Tasso . . . ou Dante . . . ou Ermitão.

O CONVENTO Á BEIRA MAR

Plantado de roseiras e de acacias
Lisboa é como um claustro á beira mar.
Não lhe faltam nem cercas nem pomar,
nem vitraes, nem capélas, nem rosaceas.

Lá da tardinha as nuvens violaceas
são os rôlos de incenso esparsos no ar...
O Téjo é a pia da agua benta. — O altar
é o Sol que amolenta hostís audacias.

Aquí passo entre hortensias e alfasêma,
loireiros... rouxinoes... compondo um poema,
em que a Preguiça é céo de azul setim.

Ja rézo o terço e durmo raposeiras.
E às *Meninas da Baixa*... às gentís freiras...
já escrevo cartinhas em latim.

Segunda Parte

Caricaturas do Trottoir

Lisboa burguesa e Lisboa romantica — As suas janélas com craveiros — *O Homem de Ferro do Corpo de Deus* e as *Barcas de banhos* — S. João, a Praça da Figueira, e a *Batalha das Flores* — Serenáda de Mefistófeles na Rua dos Algibebes — Procissões, hórtas, e arraiáes — O Visconde do *Béco do Fála Só* — Pecadilhos galantes dos Salões.

LISBOA MATERIAL
E LISBOA ROMANTICA

Dizem que esta cidade não tem alma,
que é toda marmore, e granito, e cal...
que viu matar o Gomes Freire, com calma,
e Camões sem mortalha no hospital.

Dizem que viu um grande intelectual,
como Plauto, Marlow, Schiller e Talma
ser chamuscado vivo, em vêz da palma
dos triunfos ganhar — E riu trivial.

E' beáta. Mas lubrica e dengosa,
debaixo da mantilha voluptuosa,
tem da sultana o olhar d'aço e setim...

Mas, outras vezes, quando a lua róla,
consumições de amor chora à viola...
taes como El-Rei Diniz e o Bernardim.

AS JANELAS FLORIDAS

Lisboa teve rótulas e adufas,
no tempo de alvasís, moiros, troveiros,
mas hoje tem janélas com craveiros,
com cheirosos jasmins, plantas d'estúfas.

Se acaso as creadinhas ouvem chúfas,
quando régam as costas dos leiteiros,
as *Meninas da Baixa,* feiticeiros
sorrisos trocam... todos mel e trúfas.

Entre o alecrim mimoso e os malmequeres,
ellas aos dengues e gentis alferes,
alí ciciam carinhosas falas...

D'alí tambem, á meiga voz das rôlas,
é que os Romeus se escapam, em ceroulas,
— fugindo dos maridos com bengalas.

A BONÉCA

A uma *Menina da Baixa*

E's a mais *chic* das gentis bonécas
que olhos mortaes tem visto—E's um portento,
ó cabecinha original de vento,
—desde Adão até mim que úso cuécas!

Não é pela modéstia que tu pécas!...
E quando ha procissões tens o talento,
bem sabes, de extasiar o regimento,
com seus flautins á frente, e mil padrécas

Tens frases romanescas e estudadas,
faces de rosa, ao espelho bem pintadas,
espartilho a primor, pé de valsista...

O riso encantador!.., Quanto aos teas dentes
são, bem o sabes, uns cristaes luzentes,
—e os mais caros que tinha o teu dentista!

O DEFEITO DA BONECA

II

E' deleitavel ver-te n'uma sala,
alta, direita, a prúmo, ar de Rainha,
falar de tudo a êsmo . . . ou de sombrinha,
sirandar n'um jardim que a brisa embala.

Entre os *gommeux* na ruidôsa ala,
sabes frechar a *blágue* que espesinha,
e és capaz de ser magra até á espinha
— se isso fôr puff, *v'lan, chic,* de gala!

No gesto, no ar, no porte, nos frisados,
e em teus olhos azues um tanto airádos,
porque morrem os *dandys* dos cafés . . .

quér sejas triste, alegre, ou mesmo aflita,
tu és sempre a bonéca mais catita.
— Só te falta chorar como as *bébés*!

O IDEAL

I

Junto aos chorões, na álea mais antiga
do seu palacio airoso e romanesco,
quantas vezes, da noite ao sôpro frésco,
a mim desceu, pela marmorea escada! . . .

Morreu-lhe um dia a mãe. — Orfã e isolada,
sem ter no mundo outro parentesco
mais alto do que o Amôr — foi um refresco
para a minha alma, essa alma apaixonada.

Passámos dias de uma paz clemente,
passámos febres de arquejante vida,
passámos tardes, ao chilrar dos ninhos. . .

Passámos noites de poesia ardente,
e inda ha pouco passou pela Avenida . . .
— com um palhaço e um cão dos *cavalinhos*.

A CONSOLAÇÃO DA MUSICA

II

Ninguem pode narrar, como eu transí
a perda atróz d'esta ilusão delida!...
Ninguem póde exprimir como oprimida
a minha alma sangrou... o que eu curtí!

Como ronca uma onda, ou o *halali*
de uma trompa, em manhã loira e aguerrida,
assim eu rouquejei, depois, perdida,
chorei... chorei... a desleal *Mimí!*

Fiquei bastante dementado e tôrvo,
como se o canto d'aziágo corvo,
me entristecesse com toáda irónica.....

Mas qual doido Saúl que achou, portanto,
grátos consolos de David no canto,
-- págo a um galego que me toca harmónica.(3)

(3) Sinónimo popular de *Harmónium*.

O PÃOSINHO DAS SALAS

Na sala augusta do Marquez das Nínas
damas fálam mansínho. — Aristocrátas
ostentam alvas, rígidas gravátas,
não desdenhando olhar para as meninas.

O etério Arthur de pernas magras, finas,
mui famóso á Guitarra e outras Cantátas,
corteja uma gentil noiva, entre as natas
das belas que teem veias azulínas.

Uma chávena oférta a Julia Alzira,
ninfa d'altos brazões por quem suspira,
e assucar deita, erguendo o olhar ao céo...

N'isto entra e uiva o Páe esbaforido:
«Raspou-se o meu banqueiro!... Estou perdido!»
— *Mas cá estão*-bráda Artur-*Julia e Romeu*!

O JOCHEY

I

Da Condessinha o «jochey» loiro bife,
rosádo como a face de uma dama,
é um bom maganão... e résa a fama
que é rival de *D. Juan*» o tal patife!

Virgem não baixará decerto ao esquife!...
E alguem afirma que á sua linda ama
terno beijinho deu, quando na cama
a «lady» lia Anna Radcliffe.

Não sei quem foi, que ao ja gotôso Conde
isto «*besbilhotou*», nem sei aonde,
— se no salão, na adêga, ou na cosinha!...

Sei só que elle roncou: «*Vil! que te escácho!*...
de estóque em punho, e que o encontrou debaixo
— do leito branco e azul da Condessinha.

DEFINIÇÃO DE SCHOCHING

II

Sacripanta! Pandilha, Vil lacaio!
roncou, irádo o lord — Hei-de rachar-te!
A Condessinha, então, com mimo e arte,
melodiou, qual brisa, em flôr de Maio:

«— Milord, porque é que entrou, tal como um raio,
no meu quarto, a espumar, como o Deus Marte?...
Que desacáto ó Céos! Diga em que parte
do mundo, se viu tal?... Ai, que eu desmaio!

Responde, féro o lord, em vóz de baixo:
—«E' que este vil maráo, como um capacho,
sob o seu leito está, radiosa prima!...»

Córa a beldade, e diz, velando o peito:
Não é *schoching*» estar sob o meu leito.
– «Schoching fôra, se o pilhasse em cima!

CIRIOS E ARRAIAES

Chovem, nas procissões, rosas e lírios
sobre as Virgens e as barbas dos Ascetas.
— Rimam frescos soláos plebeus poetas.
— Armam-se nichos, mil brandões, mil círios.

Mas é facto assentádo que os martírios
dos Santos não obrigam ás diétas,
nem aos flautins, aos trompas, aos violetas,
e aos sacristães nos seus pagãos delírios.

O sumo d'uva jorra nas tabernas.
Trócam-se frases e expansões mui ternas,
que ás vezes findam n'um atroz chinfrim.

Esmurram-se os Heródes e os Longuinhos.
E as Virgens, as Virtudes, os Anjinhos,
vão resonar... com Júdas, no *estarim*.

ACADEMIA DAS SIENCIAS

Entro na Academia e tiro o *côco*
com um respeito augusto à Assembleia.....
Oiço bastos discursos de mão cheia,
e um barbudo orador bastante rouco.

Tratava-se de um peixe. — Era o *charrouco*.
E eis que um ratão, com ventre de baleia,
manda-o escrever com *X*. — Com cara feia,
outro respinga que acha um *X* bem pouco.

Depois de tão drolàtica eloquencia,
disse-me um sabio, então: -Vossa Excellencia,
não acha á Academia um *raro fundo?*...

Trávo do *côco* e berro com voz forte:
«Acho-a dama conspícua, e de tal pórte,
— que nunca d'ella dirá nada o mundo!

O MARTINHO

Tu Marcelas éris ! . . .

— Pelas relíquias ancestraes das Mónicas!
— Pelas roupas vetustas do Roupinho!
eu berrei — quéro entrar pelo Martinho,
e contemplar os Imortaes das crónicas!

Entrei e vi déz bancas macarrónicas,
vi déz politicões sós n'um cantinho,
tomando um copo d'agua e um palitinho,
- falando em Néro e orgías babilónicas.

Fiquei banzádo e disse ao ruivo Ernesto,
muito casto e a papar um bife honesto:
— Aquí juntou Noé os bichos da Arca!

Mas elle tornou cávo, augusto, esguío:
Frequenta este Museu um lustro a fio.
— Serás *Ministro, idióta, ou Patriarca!*

A VENUS GÁGA

A que ali passa de bandós côr de oiro
é branca e vaporosa... mas é gaga.
—De longe a amei, sem lhe saber da praga.
—Milhões d'asneiras fiz, qual pagem loiro.

No entrúdo mascarei-me de Rei Moiro,
púz um branco turbante e rica adága,
e, n'um baile *masqué*, suando em bága,
chamei-lhe: *Essencia!... Flôr de liz!... Tesoiro!*

Mas qual não foi meu pasmo transcendente,
quando eu ancioso estava, e até fremente,
de a ouvir como á Hermengarda o monge Eurico...

e a escúto, assás dengósa, melodiando:
—a Titi *Cagolina está bufando.*
—*Só qué, p'ra eu cagá, um homem guico!*

UM FIDALGO BEATO

O que ali váe é duque e diplomáta.
Anda sempre em Te-Deums e sacristias.
Láva a cara e o nariz onde hajam pias
d'agua benta, das quaes sempre anda á cata.

Certo dia, porem,—ó sorte ingrata!
o Nuncio que ceáva lá fatias
com manteiga... bom chá... empádas frias,
fez á Duqueza uma bichinha gáta.

Eis, n'isto, irrompe o duque, e búfa e brama,
vendo o Nuncio estirádo sobre a cama,
e em posição nada civil, guápa...

—Que faz aqui, rugiu: Vossa Eminencia?...
Torna-lhe o Nuncio, com real clemencia:
—Trágo-te a benção que mandou o Papa!

O SENHOR DOS PASSOS DA GRAÇA

As lisbonenses teem olhos frécheiros
que ou dizem languidez, óra negaça,
que incendeiam honestos confeiteiros,
e os sacristães lá do Senhor da Graça.

Ali vão a donzéla e a já carcassa,
alfer's doces como *ais* e assucareiros,
attachés dengues... nobres mui roqueiros,
bigóde em *croc*... sangue azul de ráça.

Chispam ali os olhos acendidos
pela Carne, a Paixão, pelos Sentidos,
que substituem caixas do correio.

Só falta um gabinete mais profano,
com leito, com divans, e com piano,
... para expansões azues do galanteio!

S. JOÃO — ALCACHÓFRAS E MANGERICOS

As festas a S. João tão populares
fázem lembrar-me a hebreia Salomé,
quando errei da Judea entre os palmares,
... e ainda não florescia o *balancé*.

Ardem mil alcachófras em cem lares,
a cada esquina se arma um salsifré,
nos salãos pastoris, batendo o pé,
bailam, cantando, os amorosos pares.

Fanchette que ama o folgasão ruído,
brindou-me com um cravo *assás* florido,
mas com tróva de musa mui rasteira....

Aceito! — eu disse — o teu cravinho rôxo.
Mas lirismo, meu bem, babôso e côxo,
— antes o rol da minha lavadeira!

AS BARCAS DE BANHOS

Funchette, ao vêr, no Tejo, umas barcaças,
com letreiros berrantes quaes corístas,
com bateis pintadinhos... com banhistas...
lógo quiz vêr, por dentro, as lindas graças.

Não eram feias não — Tinham vidraças,
tinham meigo piano e até valsistas,
e exibiam tambem uns guitarristas,
uns de bigodes, outros de barbaças.

Mas Fanchette, que achou os banhos sújos,
com ôstras, alforrécas, caramujos,
e outros gentís molúscos que eu bem vi . . .

tange a valsa das *Rósas* ao piano,
e aos da Barca, diz rindo, em tom magano:
— *Onde se láva, quem se banha aquí ?* . . .

O MEU VISINHO SACRISTAO

Adeus meu lar! adeus tenras paisagens!
que eu da janéla olhava ao Sol poente!...
Adeus alcôva que o meu Estro ardente
povoou de mil sonhos, mil imagens!...

Adeus mil andorinhas, que as folhagens
alegraveis, chilrando, á lúz nascente!...
Trastes, bancas, sofás, em contínente,
galegos vão levar a outras paragens.

Eu, que cuidára aqui, entre as paredes
d'este meu lar morrer, sem ter as sêdes
do Champagne, o *foie gras,* do voltarête...

vou deixar-vos, visões do meu larario!
pois que móra, ao meu pé, um salafrario,
— um sacristão que tóca clarinête.

O MESTRE DE ESGRIMA

Aquelle mulatão de ganforina
erriçáda e que lembra a carapinha
de um negro do Bihé — diz-me a visinha —
que é «*bom vîbant*» e toca concertina.

Jogo do páo e do florête ensina!...
O figurão tem lábia, o «*apomb*», a *linha!*
Mas, por pagóde, um aio da Rainha
fez-lhe, uma vêz, presente de uma tina.

Vai ao palacio de um fidalgo á noute
dar-lhe lições de esgrima — E quem se afoute
a d'isto mal cuidar, dirão que é pêta...

Com os fidalgos ceia, jóga, abanca.
E, emquanto améstra o esposo na arma branca,
— améstra a fidalguinha na arma preta.

O ALFERES *CINTURA FINA*

Na mui pacáta rua dos Fanqueiros,
marcha uma guarda ás horas matutinas.
Eis que, em cabelo, acorrem as meninas
da musica auroral aos sons guerreiros.

O Alféres que é a joia dos solteiros,
põe em chama essas frescas musselinas,
com o bigode ideal de sedas finas,
e a cintura que lembra os jasmineiros

Certo dia, porem, indo na guarda
o militar gentil, e o sol em barda
chispando no espadim com *loiro* brilho...

a estroina morgadinha de Miranda,
gritou-lhe, ás risadinhas, da varanda:
—Rico amor! dá-me cá meu espartilho!

O PÃOSINHO DAS PRAIAS

D'alva flanella todo encandernado,
reluzindo o bigode á *brilhantine,*
botins brancos, monóculo, *badine,*
— Chico Guerra, nas praias é gabado

Muito garboso e dengue — Mui cotado
na alta goma e a finança — A loira Aline
zomba d'elle, á sucápa, e apoz retine
claro rir de cristal no mar salgado.

Elle, porém, com mimo, pisa a areia,
e entre as Graças gentis borboleteia,
sobre tudo, entre o *high life* e o sangue azul.

Falam do rei Eduardo de Inglaterra.
«Conheço-o muito bem! diz Chico Guerra.
— Tomei sóda e limão, com elle, e o Pool.(1)

(1) Celebre alfaite inglez.

MANIA DE GENROS RICOS

Fui um dia, pedir em casamento,
— tinha a venêta então do matrimonio!
uma sereia loira. — Oh! que portento,
mais linda que as Sereias do mar Jónio!

Mas os paes, que cuidavam-me um bolonio,
mau grado o olhar gaiato e o atrevimento,
perguntaram-me em tom bem pouco ausónio:
— Qual é o seu emprego e o seu provento?

Amo as Musas! ronquei com ar peralta.
E hei-de ascender a posição muito alta.
— Muito alta!... e ergui ao tecto a magra mão.

— Aspira então decerto a ser ministro?...
— Não senhor! regouguei, com ar sinistro:
— Vou subir, com dois tigres, em balão.

O AMANUENSE

Aquelle é o magro Arthur dos ternos *fados*
lívido, ossúdo, de quem ri a Páca,
que cúrte — lacrimal *manga de alpaca!* —
preso á fome e á carteira, máos bocados.

Certa noite, n'um centro de estouvados,
berrou-lhe um: — Não te cansa essa *matráca*
de andar vergado ao Chefe, á sopa á vaca?
— Que farías, com dez milhões bem grádos?...

O triste Arthur, o olhar feito um brazeiro,
matutou quasi uma hora, qual gageiro
que vê brilhar coraes, entre recifes...

Depois, gemeu como quem chóra Troia:
«Ia sempre ao emprego de *tipoia*.
— Passava um ano inteiro a papar *bifes!*»

OUTRA MANIA

Outra vez, ao Burnay — *Sangue di Báco!* —
esmola foi pedir rôto mendigo.
— Só levava o Burnay cheques comsigo.
— Conde! bradei-lhe a rir: — Tome um *patáco*.

D'ahi corro a pedir, que era o meu fraco,
a mão de uma outra bella, que não digo.
Pergunta logo o Pae, murcho qual figo,
— se eu sou rico, ou pr'a ás cifras tenho cáco!

Se eu sou rico?... bradei, com largo aprumo,
lançando dois ou tres puxões de fumo,
ao nariz do Ancião grave e de pé...

«Se eu sou rico!... bradei, n'um riso louco.
«Só lhe direi, cáro Senhor, que ha pouco
— emprestei certas massas ao Burnay!

A *PRAÇA DA FIGUEIRA*

Lisboa, terra da andorinha airosa,
que carpiram soláos de moiros poetas!...
na Praça da Figueira a gente gósa
o Paraizo das maçãs reinêtas.

Alí é que a Serpente sabe trêtas
para atiçar a nossa gúla anciosa!...
Alí, a colareja côr de rosa,
com *lérias* nos depéna as magras chêtas!

Uma travessa e esbelta galinheira,
cinturinha de vêspa... agil... frècheira,
deu um ôvo de pomba ao meu petiz.

Penhorou-me o primor da rapariga!...
E a Praça, achei-a amavel á barriga,
ao gosto, ao paladar... fóra ao nariz.

AS COCOTTES DO PAE DO CÉO

Houve outrora um convento assás cotádo,
rendez-vous dos janotas mais supinos,
em que as Monjas, com trajos bysantinos,
faziam magno *flirt* ao Deus Chagado.

Quando eu ali ia, era amimádo
com Champagne Clicquot e pitéos finos,
doces de calda, de extasiar meninos,
bela *charlotte russe*, rico assádo.

Cristo tambem, no meio dos Anjinhos,
tinha beijos, cantatas, passarinhos,
musicas d'orgão, trinos de víola...

Nada de bom faltava nas trezênas!
Nada, por nada ser... nem mesmo as pennas
de um bom leito de molas, á hespanhola! (1)

(1) Este recolhimento foi extinto.

A CREADA VISCONDESSA

Amei certa mulher, certa princeza
dos salões... Viscondessa mui gabada,
que, a fim de me espreitar, fez-se creada,
e agora faz-me os bifes á ingleza.

Imaginae... julgae minha surpreza,
quando, uma vez, em casa, que farçáda!...
a vejo vir, mui rósea e agaiatáda,
de terrina na mão, servir-me à mêza.

Ri-me a bom rir — Mas ella muito séria,
sem mostrar nada ter com tal pilheria,
foi nas brázas deitar umas cavácas...

Pôe-me os botões nas calças e as ceroulas,
e, agora mesmo, a meiga irmã das rôlas,
— na cosinha, lá está, a *limpar facas*.

O PAOSINHO DA EMBAIXADA

Ao chá das cinco horas da Marqueza,
acorre o que ha mais *chíc* e mais seleto.
Traz do chá a bandeja um *groom* preto,
que o Marquez trouxe da Maláca ingleza

Uma elegante e teatral franceza
as atenções atráe — O circunspeto
general Bravo, de bigode crécto,
côr de azeviche, ri... ri com largueza.

N'isto, entra um *attaché* magro e pedante,
de monóculo fito e provocante,
bigode em riste, loiro, mui *pãosinho*.

Como passa barão? Que larga ausencia!
diz-lhe a franceza ao entrar — Bem e Vossencia?
— Eu, *toujours, mal au coeur*! Obrigadinho!

A BATALHA DAS FLORES

Fui à Avenida a ver essa batalha
dos cravos, dos jasmins, dos lírios rôxos,
e estarreceu-me o vêr que tal metralha
era um vão tiroteio dos mais chôchos.

Sobretudo sentí uns grandes frouxos
de riso, ao ver patrícia já grisalha
bouquets, dengue, atirar á vil gentalha,
com gestos tristes, lacrimaes, de mochos!

Nada de vida, ação, graça, dextresa!...
Nada d'aquelle *entrain* doído á franceza,
que o sangue faz ferver como o bom *rhum*.

Tripas de Belzebuth! Não sou de gêsso!
Portanto, como jogos de arremesso,
acho mais divertido o *pim — pam — pum!*

O *HOMEM DE FERRO*

DO CORPO DE DEUS

Hoje presenciei o gaudio das donzelas,
— mirando a Procissão que anunciaram archeiros.
Expunham as *Mamans* as colchas nas janellas,
roídas pela traça — e assombro dos fanqueiros.

As *meninas da Baixa*, anémicas, de olheiras,
pompeávam tafetás, não pagos ás modistas.
Com triunfaes bandós, com fitas, com romeiras,
tentavam incendiar peitos de capelistas.

Lá vi S. Jorge emfim. — De capacete e lança,
tremia como alguem que sente grande abalo.
Ora adiante, ora atraz, dançava certa dança
que S. Vito dançou — mas sem ser a cavalo.

Lá vi o *Homem de Ferro* aguentar a couraça,
— mais dura de roer que cinco ou seis barrís!
No emtanto, elle marchava, intrépido, na praça,
qual general que corre a salvar o paiz.

Com azas de setim, marchavam os Anjinhos
não com ar divinal, mas sim bastante tétrico.
Com muita dôr nos pés, nos calos, coitadinhos,
não voavam ao Céo.. pediam um *eletrico*.

Com brio, vi marchar as tropas imponentes,
e as charangas tangendo os doirados metaes.
— Iam velhos tafues, de calvas relusentes,
— Dez pretos com tambor, e as pessoas reaes.

Entra S. Jorge, emfim, e o pagem d'olhos belos,
nos atrios do Castello, aonde é general.
— Os Anjos, a coxear, vão porem-se em chinelos.
— *O Homem de Ferro* está com tosse e o homorroidal.

O PREGO

Para a festança o Luso empenha até
como Judas sua alma e os cobertores.
Nos máos dias, porem, chovem crédores,
perdem-se as ilusões... e o camapé.

As belas, para um baile, e um bom *coupé*,
ás costas dos galegos, aos penhores,
lá remetem alfaias e esplendores:
—o leito, o espelho, a cómoda, o *bidet*.

Em fria noite de Opera e em gala,
ví um certo casquilho de bengala
de castão d'oiro, mais tres lindas rôlas...

Lésto, os degraus galgáva a quatro e quatro.
Era a flor do *chiquismo* do teatro!...
mas no *prégo* bailavam-lhe as ceroulas.

A BATOTINHA

Não ha esturdio algum, sendo noitinha,
que apóz com Lola ter gentil caváco,
não envergue outro trajo, outro casaco,
e se esgueire sonsamente á *batotinha*.

Mas a policia que é lambaz e advinha,
que assás conhece os *pontos* e o seu fraco,
surge de chofre, pincha qual macaco,
e pilha á Banca a conta redondinha.

Já vi peraltas, na balburdia imensa,
ocultos no saguão ou na dispensa,
e um debaixo das roupas da sopeira...

Mas o que fez pasmar essas *Europas*,
foi um galhardo Capitão de Tropas,
— de farda... lúvas brancas... na carvoeira.

AS *HORTAS*

Apráz-me ir vêr os alecrins das hortas,
risonhas, festivaes, com seu matiz.
Vou, qual bohemio lirico e feliz,
que búsca o Sonho para alem das portas!...

Amo vêr um Falstaff, as pernas tortas,
tróvas cantar plebeias do paiz,
e o Burguez, mãe, espôsa, avó, petiz,
vir tudo, de ranchada, às horas mortas.

Gosto de os vêr jantar pelos hortejos,
trocando alegres brindes, risos, beijos,
emquanto a agoa das régas canta e chora...

Suavemente o sol doira as colinas,
e, ás ocultas, os noivos das meninas
...dedos apertam, ao chiar da nora.

O *SENHOR DA SERRA*

E' o Senhor da Serra a alma e alegria
dos romeiros que vão visitar Bellas.
Limpinha vila! — Construções singelas,
mas onde acode o vulgo em romaria!

O tropel dos carrões e a vozeria
dos soláos, das canções, rir de donzellas,
ôdres cheios, pipótes, ou panelas,
do cheiroso perú — tudo inebria.

A' sombra da oliveira ou da latáda,
nivea toalha estende uma ranchada.
Ha *salsifrés,* canções, tudo é feliz!

E para, em tudo, as festas serem gratas...
clarões da lua, solidões das matas,
— muitos *bébés* teem dado a este paiz!

VIAJANTES MILIONARIOS

Aqui, os viajantes milionarios
são tão raros como é a *Dahlia Azul*.
—Raros adquirem moveis bons de Boule.
—Raros vão aos museus e a estatuários.

Mas, mais raros ainda... extraordinarios,
são romeiros buscando o Norte e o Sul,
que vão a Nice, Italia, Azia, Stambul,
á Suissa, e aos seus lágos legendários.

Quanto aos estúrdios, filhos de banqueiros,
foliando, com *Lólas*, com toireiros,
fados trinando, em velhos trens de praça...

raros sáem da sua freguezia.
Dispendem seus milhões na travessía
... do *Bitóque* ás meninas da *Palháça*.

SERENADA DE MEFISTÓFELES NA RUA DOS ALGIBÉBES

I

Lindos rostinhos trigueiros
das morenas alfacinhas!
vossos olhos são coveiros,
—tendes na face as *covinhas*.

II

Quando as brisas tem harpejos,
e as campinas malmequéres,
vós dais suspiros por beijos
—e por cinturas de alferes.

III

Não há instante precioso,
não ha mais doce momento,
que o momento *harmonioso*
—em que passa o Regimento

IV

Em todo o dia bemdito
rogais ao Anjo da Guarda
que mande um alfer's bonito
— que seja um anjo de farda

V

Loiras pédem farda airósa.
Mas as suaves trigueiras
pedem cintura mimosa,
— e sonhadoras olheiras.

VI

Meninas de rosto angélico
delgadas como o junquilho,
eu hei-de fazer-me medico,
— e assassinar o *espartilho*

VII

Hei-de quebrar o piano
que os ouvidos me tortura,
dar-vos um primo *magano*,
... mas, sem a benção do Cura! (1)

(1) Paréce que Mefistófeles se inclina ao casamento civil.

RATAPLAN! RATAPLAN! RATAPLAN!

Lia-te uns versos meus, Bertha louçan,
cheios de imagens, empolgantes, belas,
quando sôam tambor's e charamelas,
—«*A guarda!*... e a correr deitas e a Mamam

Em cabelo, e inda em trajos de manhã,
ródam logo sopeiras ás janelas,
rufam tambem as almas das donzelas
lá dentro, em sobresalto: — *Rataplan!*

Então, eu disse: — Rica prenda amáda!
visto que o «*rataplan* tanto te agráda,
e ao «*rataplan* te váes, rufando, amor!

Não mais sonetos te farei decerto.
No dia de teus annos, que vem perto,
— mando-te umas vaquêtas e um tambôr.

O DOMADOR DE PANTERAS

O domador açoita, entrando a jaula,
negra pantéra original de Jáva,
linda rainha que se rója escrava,
—e a quem disigna pela «*Excelsa Paula*»

A's vezes rúge, outras porem miaula,
como gata ao luar, o peito em láva.
Outras rója-se ao pó, humílde, ignáva,
como estudanta de joelhos n'aula.

O domador fustiga e ameiga as féras,
puxá as língoas e os rabos das pantéras,
recebe abraços e até beijos lógra!...

Mas, ao canto da jaula, uma esquesíta
múmia sustém esta legenda escrita:
—«*Pantéra não domáda. Minha sogra.*»

O ALFAIATE DAS DAMAS

Com meu charuto aceso, sobre o asfalto,
distraio-me a estudar quem pisa as lamas.
Passa o alfaiate cortezão das damas.
Todo elle é uma flor.—Voz de contralto.

Trajo serio. De luvas. Chapéo alto.
Recebeu de manhã dois telegramas,
para ir talhar depressa um fato ás Gamas,
e o coração, de embófia, deu-lhe um salto.

Diz-se, porem, que um principe cossáco
o indigitára á esposa.—E elle o casaco
de tal fórma talhou justo, á princeza...

que o principe o encontrára, em certo instante,
com a fita do metro, mui prestante,
—os seios a medir de Sua Alteza.

OS MEUS AMIGOS
O PALHAÇO E O COVEIRO

Aqueles que alí vão, em terno abraço,
como modelos de união fraterna,
cantando, e aos empurrões, para a taberna,
— um d'elles é coveiro, o outro palhaço.

Com elles, horas mui patuscas passo,
estudando cada um. — Minha lanterna
interróga cada alma, qual, na interna
mina, o mineiro, com soturno passo.

Quando eu escuto o lúgubre coveiro,
sinto o «spleen» do Hamleto e aspiro o cheiro
da erva calcáda, os goivos, os chorões...

Mas se guincha o palhaço, sinto as solas
dos meus pés a pedirem cabriólas:
— á luz do gaz e ao «*hurrah!*» das multidões.

UM CERTO CURA

Passa um cura roliço e espadaúdo,
de andar pausádo, abacial papeira...
Todos olha com vista sorrateira,
— bamboleando o abdomen pançudo.

É quasi quadrilongo. — É narigudo
como Sócrates foi — Mas a gafeira
da alma, como a do outro, é que não cheira
a rosas... cheira a um termo assás bicudo!

É um Sátiro e um bóde femeeiro.
E o sacristão que o diga, que é vezeiro
na má língua, e em chupar bem as galhetas...

E que o diga eu, tambem, que, em certo dia,
a beijar-te o encontrei, na sacristia,
— Condessinha gentil das tranças pretas!

O VISCONDE DO *BECO DO FÁLA SÓ*

Nobres de ultima data e sem raizes
de Altos Avós... teem titulos bem pêcos
de ruas, de hortas, de travessas, bêcos,
páteos, póços, quintaes, de chafarizes.

Conheço um que tem dez cicatrizes,
por basofiar ser neto dos Pachecos,
quando elle é neto de uns ratões suécos
comerciantes de drogas e vernizes.

Ráros, porém, teem *fracs* mais franceses,
mais *póse*, mais *aplomb*, ditos por vezes
que não cheiram á óca e ao alcatrão...

Mas se, á noite, em saráos, ostenta a *linha*,
de dia engraxa as botas na cosinha,
— em camisa, assobiando, no saguão.

A RELIQUIA DOS AVÓS

(Confidencias de Mefistófeles)

Amei certa mulher de alta linhagem,
cujo salão arcaico e recatádo
tinha um relogio antigo... mas sagrado,
em que não punha mão a *bilanagem*.

Mil beijos, dava-lhe eu, quando a carroagem
do esposo faz-se ouvir.—Retumba um brado,
e, n'isto, irrompe o Conde, estomagádo,
com sobresênho hostil, féra viságem.

Revista alcovas, moveis, reposteiros,
estripa trez divans, quebra cinzeiros,
mas nada encontra e sáe tôrvo e feroz.

Onde me havia oculto a esbelta Lilia?
Na reliquia sagrada da familia...
— no relogio de pezos dos Avós! (1)

(1) Vetústos relogios compridos e monumentaes.

S. MIGUEL ARCANJO

A marquesa de Estaes tem no oratorio
trez Anjos de tamanho colossal.
O Senhor D. Miguel, com gesto flóreo,
foi que á familia os deu. — Favor real!

Tem o Marquez, porem, zêlo notório,
contra um primo, e rancor, ciumeira tal...
que uma noite correu com um punhal
para o estripar no proprio dormitorio.

Nada achando, apezar de cem devassas,
córre a orar ao Senhor e a dar mil graças,
por ter tão casta esposa e tão fiel.

Mas, ergue os olhos, e o que vê, turbádo?...
O primo no oratorio — em pé, e armádo
com a lança e o morrião de S. Miguel.

ESCANDALO COR DE ROSA

A Marquesa de Unhães ama um artista
raro tenor, amigo de Puccini.
Brada alguem ao Marquez: Não se amofine!
— Agora mesmo entrou. Rompa-lhe á vista.

Sáca a espada o Marquez e o gume enrista.
Corre ao salão. — No espelho o ferro tine.
Mas derruba o candeeiro e o petroline
extravása no chão e perde a pista.

Reacende o candeeiro, busca, sonda,
armarios e bahús, tudo esbarronda,
tudo fura e revista até manhã...

Por fim, perdão á dama, humilde implóra.
Ella dá-lho, a sorrir. — Ao ir-se embora,
sáe o tenor debaixo do divan.

PECADILHOS DE SALÕES

Narra-se ao ouvido um caso romanesco
de uma joven que quiz gosar a brisa...
e eis sáe de casa em fralda de camisa,
e põe-se a gandaiar á lua e ao fresco.

Acha a familia incrivel tal refresco,
mais a evasão da dama que deslisa.
— Busca, rebusca alcovas, jardins pisa.
— A visinhança interróga e o parentesco.

Porém, corridos ja trez longos dias,
e mais trez longas noites de agonias,
do avô, da avó, da mãe, e do papá...

eis que se encontra a fugitiva bela,
(tal e qual virgem, tal e qual donzela!)
— em camisa e debaixo do *sofá*.

Terceira Parte

As ideas do bacharel MACARIO

Os seus amores, a sua Filosofia,
a sua digestão.

LISBOA ENGORDA E RÍ

Lisboa! escútas arrulhar as rôlas,
de manhã, nos beiraes dos teus larários,
tens o oiro do Sol e dos canários,
e, á noite, os ais das líricas violas.

Passas teu dia, a rir das vans estólas
do Amor, do Justo, o Ideal, dos seus calvários,
rendes só culto aos bachareís Macarios,
— farcistas, arlequins, com lentejoulas.

Fazes bem? Fazes mal?... Frases ao vento!
Que te importa isso a ti? — E's um convento
plantado, á beira mar, do deus Preguiça.

Macario hoje é teu rei, rei da *frescáta*.
Foi *urso, clown, dandy*, diplomata.
— Hade vir a ser Papa... e a cantar missa.

O BACHAREL

Um dia — ia alto o Sol — quando a Cidade
toda anda no *trottoir*, vi no Chiado
entre os *dandys*, um gêbo esfrangalhádo,
qual Diógenes foi na helena edade.

Com a lanterna acesa, na verdade,
ruas, becos, travessas, mui caládo,
o homemsinho palmeava. — Embasbacádo
fui atraz, como os mais, da novidade.

Becos, travessas, caes, cruzou sem conto.
Mas já farto de andar, berrei-lhe: Ponto!
Ashavéro Segundo de Israel!...

Quem buscas tu, em roda viva e eterna?»
Responde-me o homemsinho da lanterna:
— A ti, raro mortal, não bacharel!

AVENTURAS DO BACHAREL MACARIO

Foi sempre aquelle um genío concentrádo.
(1) *Urso* era chamado entre estudantes.
Se era um sabío, jamais os ignorantes
o seu Verbo escutaram estreládo!...

Certa noite, nas taboas de um tablado
das barracas das feiras ambulantes,
vi um urso míl farças hilariantes
representar ao povo embasbacado

Mas qual foi meu terror, quando, á saída,
eis que o Urso me fíla e em voz tremída
me ferra este patetico discurso!...

«Não te assustes do caso extraordinario!
«Sou eu, o teu colega, André Macario.
— Sou bacharel. Mas tínha de ser *urso!*...»

(1) Na Universidade são chamados *ursos* os estudantes mais aplicádos.

MACARIO, GUARDA PORTÃO

Macario que ali váe de melancia
n'uma das mãos, na outra, um vil cabaz,
foi, n'outro tempo, o mais farcista e audaz
bohemio, estroina, folião, que havia!...

Construiu um palacio certo dia
com dez milhões que elle ganhou n'um az,
como o não teve Salomão. — Em paz,
tamaras vendeu, depois, na Alexandria.

Dormia, ás vezes, em tapetes persas,
outras noites, no enxurro, ou nas perversas
baiúcas, sempre a rir, ao deus *Váevem*.

Hoje é guarda portão d'esse palacio.
Mas, com o *jockey* da Condessa, o Ajácio,
— arrisca ainda, ao *burro*, o seu vintem!

OS PATRÕES

Lá veem nossos patrões! . . . oiço uns garotos
guinchar, com voz que lembra El-Rei Bobéche.
Olho, e lobrigo, em rápido caleche,
dois marujos saxões ébrios e rotos.

Tinham uns tipos de foliões marotos! . . .
Jantado haviam peixes de escabeche,
com duas *Loías* e o cocheiro Holbeche,
e iam cantando, em gaudio, a trote, e a choutos.

Os dois loiros Falstaffs da maruja
vinham da medieval Alfama suja,
onde o moiro arrabil seus ais esbanja . . .

E, com ar digno, Suas Magestades,
libavam vinho como trinta frades,
—e chupavam em cascas de laranja.

O PÃOSINHO DOS CAFÉS

Aquelle que ali está de cabeleira,
cheia de caspa e já cossádo *frac*,
despejando copinhos de *cognac*,
disse-me, um dia, em grata cavaqueira.

«A bella Pêpa, a loira cigarreira,
«que tu conheces, pôz-me o peito a saque!
«Que romantico amor! — Foi o meu *Krac*
«do coração, o estomago, a algibeira!

«Sou *o homem fatal*! Sou perigoso!
«Meu negro olhar chispante e tenebroso
«arma incendios, qual fez Nero, em furor.

«Deixou-me, é certo, pelo meu tendeiro.
«Mas amou-me, a valer, digo-o altaneiro.
«— *O ferro é pertencer a um vil crédor!*

MACARIO AFINADOR DE PIANNOS

Macario, mágro, esguio, esgrouviádo,
de «*urso*» passou a «*harmonisar*» pianos.
Tem uns olhos, porém, tão vís ciganos
— que a mil maridos hão desafinado.

Do quinto andar as damas do telhado
vótam-lhe — diz-se, — afectos muito humanos,
desde as primas, as tías, os marçanos
até ao vil carôcho — o «*scelerádo!*»

Certa noite, porém, de annos das tías,
festa obrigada a bolos e fatías,
Macario sóme-se e é buscado em vão.

Buscam, rebuscam tudo, n'um viróte.
E onde o vão encontrar? — Junto do póte,
a afinar da sopeira o coração.

BRINDE DE MACARIO A UMA NOIVA

Permita o Céo que, n'um tal dia, tenhas,
noiva gentil, de tranças tão macias!...
jasmins, camelias, rosas, alegrias,
passas, figos, bananas e castanhas.

boninas, açucenas, e as extranhas
begónias, fuchsias, albuns de poesias,
repôlhos, hortaliças, melancias,
— castanhólas, «boléros», sevilhanas!

Saiam do fôrno os patos ás manádas.
Cheguem pudins, lampreias ás carrádas.
Pairem no ar perfumes do Indostão...

Chovam do céo camelias presunçósas.
Pápa puré de lírios ou de rosas,
— que eu, mais matreiro... atiro-me ao leitão!

O EXERCITO LUSITANO

Os pequerruchos loiros, rosadinhos,
ou trigueiros, burlões, de olhar gaiato,
pedem, desejam tudo.— Um quer o gato,
outro a lua, outro o sol, peixes, burrinhos.

Um dos taes quiz, por força, os soldadinhos
do exercito luso!—E quiz o ingrato
que eu lh'os posésse todos sobre um prato,
a fazer exercícios bonitinhos.

O petiz de quem falo é italiano,
e, máo grado adoral-o, é o meu tirano,
o meu monstro gentil, o meu verdugo...

Para pôr termo ás taes préces mofinas,
comprei-lhe duas caixas pequeninas,
... de soldados de chumbo e de sabugo.

MARIALVAS E PIMPÕES

Este povo de heroes e paladins,
que acompanhou D. Fúas e o Giraldo,
descobre o Oriente e apóz mendiga um caldo
ás portádas claustraes, com ar de chins,

conta ainda brigões e espadachins,
que por um til esmurram um ribaldo,
com tanta galhardia qual Reinaldo
de Montalvão... que fez alguns *caurins*.

A fumarem *beátas*, ou *brejeiros*,
dedilhando a guitarra entre cocheiros,
amando os toiros, o bom vinho, a rima...

faz pasmar que, com sôcos de bom macho,
atirem facilmente um outro abaixo,
...quando tanto lhes custa lêr por cima!

A UMA PIANISTA ALFACINHA

Verrina de Macario

—O' Menina da *Rua dos Vinagres!*
que os ouvidos me arranhas noite e dia,
ao teu piano, horror da Mouraria,
que no alto mar afundaria a «Sagres»!... (1)

Que mal fiz eu, para que tu consagres
a vida a massacrar-me a hipocondria,
com sonátas fataes, como a sombria
lépra vil dos judeus - e outros uzágres?...

Quando morrer's, taes óperas mofinas,
árias, valsas, sonátas, cavatinas,
suma-os o lixo vil, torpe, chué!...

Teus «*fados*» proibirei ao meu cocheiro,
e mandarei fazer a um carpinteiro
—d'esse *tão máo* piano, um *bom bidet!*

(1) Antiga corveta lusa.

GENERAES PANÇUDOS

Quando chegam do Tempo esses tigrinos
rigorosos invernos bem bicudos
generaes com enxundias, ou ventrudos,
— servem para *amas secas de meninos*.

Nada d'elles recorda os masculinos
tempos de guerra e de exercicios rudos,
cercos, assaltos, marciaes estudos,
— com cinturas gracis de figurinos.

Os generaes, então, lembram abades
das santas éras dos floridos frades,
de enxundias sãas... de gorda cachaceira...

E, ao montarem nos bravos rossinantes,
recordam timbaleiros elefantes,
— com a caixa do bombo á dianteira.

A RAINHA DA ISLANDIA

I

A Rainha da Islandia, á luz da lua,
passeia n'um batel á flôr das aguas.
Suspira ás vezes.—Seu olhar flutua
em regiões incógnitas de magoas.

II

Outras sorri, depois, como creança
que vê bonecas de primôr francez.
E á dama diz, fitando a lua mansa:
—Paréce-me a caréca do marquez!

III

Entra em palacio e dão-lhe serenadas.
Ofértam-lhe de leite alva caneca.
Vendo-a tão branca, grita ás casquinadas:
—Ai! do marquez paréce-me a caréca!

IV

Corre, a notícia, vôa.—Alviçareiros
propágam essa extranha obsessão
da Rainha, que vê olhos frecheiros
em toda a parte—e a calva d'um melão.

V

Juram que ella ama, extraordinariamente,
d'um tal marquez a reluzente calva,
—que vê na lua o seu carão ridente
—os seus dentes até na estrella d'alva!

VI

O que dizeis dos malandrins ignáros,
(brada a aia á Rainha, de travêz.)
Responde ella, trinando uns risos claros:
—Parecem-me mais asnos que o marquez!

MACARIO, POETA D'ALMANACHS

N'uma trapeira desabrida e crua,
Macario entre banaes teias de aranhas,
e outras cousas bohemias mais extranhas,
— prepara um almanach e sisma á lua.

Procura rima para «*chéfe*» — súa...
sópra, torna a suar, derrete as banhas.
Entra a sopeira — e então, com mil patranhas,
ferra-lhe um beijo na garganta nua.

Mas a sopeira não se põe com queixas.
Um sopápo pespéga nas bochechas
do que boscára em balde a rima em «*éfe*...»

«Aleluia! grita elle radiante.
«Achei a rima emfim recalcitrante.
«Obrigado, Rosinha! Achei. — «*Tabéfe!*»

O INCENDIO DE TROIA

Descripção de Macario

Perguntas-me, meu bem, se li Homéro?
— Por desgraça que o li, e me vi grego!...
Mas, muito antes de ler o immortal cego,
eu proprio em Troia estive.—Eu t'o assevéro!

Vi o filho de Achílles, o Pyrrho féro
lançar Priamo, o Ancião, ao fatal pego...
Vi Hécuba, coitada! um grande rêgo
com lagrimas cavar, de desespero.

Ardiam casas. Era o sangue em postas!
Fugia Eneas com o pae ás costas,
sem temer ser poltrão ante os heroes...

Cassandra soluçava, rota a saia.
E eu, tragico, de cócoras, na praia,
berrava aos céos:—«*Meti-me em bons lençóes!*»

PERIPECIAS DE *MACADAM*

No asfalto do Chiado, hoje á tardinha,
passou risonha, a Viscondessa Eliza,
com ar gentil de uma camelia á brisa,
— de *lorgnon*, pó de arroz, rósea sombrinha.

Corteja-a um loiro *bife* da marinha,
com chispante peitilho de camisa.
— O poeta Alvim, que languido deslisa,
dá-lhe um *shahe hand*, e diz-lhe uma gracinha.

Ella córa, sorri, tropéça, cáe
no *asfalto* lamacento, dando um ai,
sobre a lama banal, crássa, cinzenta.

E o poeta Alvim, todo curvado n'ella,
tem o ar d'uma *lady* magrizela,
— com o nariz na pia da agoa benta.

O MESTRE PRIMARIO

Encontrei no Bairro Alto um bom velhinho,
um pobre mestre de instrucção primaria,
o qual anda rotinho como um pária,
velha a gravata ... sujo o colarinho.

Fiquei com dó. — Outróra n'um cantinho
de uma aldeia de amena e curta área
quantas vezes o ouvi trautear uma ária,
— regando o seu quintal, de barretinho!

Magro estava, e amarello como a tocha
de um enterro. — Na seca e magra coxa
rota calça de réles bombazina ...

As botas com palmilhas d'um *infólio,*
e o chapéo, que lustrára com petroleo,
— podia bem servir de lamparina.

A INDEPENDENCIA DO BIGODE

Monologo de Macario

As guias ergue á abobada azulina!
Ês livre! Ês livre! como a Aza e a Escencia!
Desfralda o aureo pendão da Independencia!
Já não andas vergado, qual vil China!

Já não amas a loira Clementina,
— esse dragão sem alma, que a paciencia
a tal ponto te alúiu, que era demencia
aspirar ao frisado e á brilhantina!

Assim berra Macario ao seu espelho,
tomando o ar chibante de um fedelho,
que ama o *tennis*, o *sport*, o *espalhafato*...

Diz isto, e rompe a conquistar as belas,
de monóculo e luvas amarelas,
— e os bigodes, em riste, como um gato.

JOVE, NA RUA DOS RETROZEIROS

Hoje os deuses da Grecia e das florestas,
abandonando as formas triumfantes
são creados de hoteis e restaurantes,
e outras funções ainda mais modestas!...

As suas sinas tragicas, funestas,
teem-os levado a farças humilhantes.
— Uns são mestres de dança, outros tunantes.
— As deusas fazem cousas pouco honestas.

Mas o que me doeu sangrentamente,
foi ver Jove, o *Tonante,* o Omnipotente,
Pae dos Astros, dos Soes, de Heroes de cunho...

na escada do palacio de um banqueiro,
feito guarda-portão, feito porteiro,
— hirto, de farda, e de vassoura em punho!

A FOME CANINA

Conto fantastico, contado por Macario

Morta! Morta!... de extranha palidez,
roubei, de um tumulo, uma noiva branca,
e, n'um corcel, fugi á rédea franca,
com *macábrica* e doida rapidez.

A um palacio a levei d'estilo inglez,
que tem no frontispicio uma carranca.
Mas eis que a bela acorda... e me desbanca
em comer e em beber por dois ou trez.

Ai! contando as garrafas despejadas,
trúfas, pasteis, mil ostras devoradas,
tendo na face a côr que o pasmo estampa...

com gesto grave, solarengo, amigo,
clamei á bela, no palacio antigo:
— Rúa! Volte menina á fria campa!

MACARIO REPORTER DO *HIG-LIFE*

Frio, aprumado, de casaca enorme,
chapeo lustroso que se diz de pasta,
Macario, hoje no *hig-life*, dengue, arrasta
seus pés atraz da valsa multiforme.

Toma nota do esplendido uniforme,
do Almirante, do Duque, do Dinasta,
da Duqueza gentil de espumea casta,
do Rei de Copas, da Marion Delorme.

Mas depois de tão improbo trabalho,
chega á trapeira e ao vêr a *assorda d'alho*,
que ha de ingerir, rebenta em mil violencias...

Dá um murro na banca, entre mil pragas.
E as luvas côr de pérola não pagas
rólam n'um vaso... que não cheira a essencias.

MACARIO POETA, E A LUA

Na alameda das tílias docemente
passeia, á lua, a Víscondessa Eliza.
Fita Macario que ao seu pé deslísa,
de braço dado, com sorrir dolente.

«*Canta o luar, Macario!* — ternamente
a Viscondessa diz. — Em róda a brisa
baloiça os laranjaes. Macario pisa,
com ar de Hamleto, a relva, aéreamente.

Macario que ha trinta horas não mastiga,
parece-lhe o luar um grande queijo
de Roquefort, á sua fome louca.

Sente a fome ás pauladas na barriga,
amostra os dentes, com lambaz desejo,
e em vez da rima... *acode-lhe agoa á boca.*

MACARIO, A VISCONDESSA, E O SOL

Á sombra das olaias, manhã náda,
com Macario passeia a Viscondessa.
Sorrindo, encosta a espiritual cabeça
ao hombro d'elle.—Chilreia a passarada.

«Olha, rompeu o Sol!... alvoroçada
a bela exclama:—Na ramada espessa
que chuva d'oiro a flux! Vamos depressa
vel-o rosar a serra alcantilada!»

Macario apressa o passo, romanesco,
calca o verde capim macio e fresco,
e trepa á serra que vertigens méte...

Encára o Sol e brada com poesia:
— Loiro! mui loiro! um loiro que extasia!
— Loiro! mui loiro! um loiro de *omeléte!* (1)

(1) Parodia a um lirismo de Feijó.

AOS TOIROS! AOS TOIROS!...

Ródam trens com palreiras hespanholas
para a praça dos toiros, léstamente...
Um Bombita ou Guerrita certamente
terão moñas, charutos, gabarolas...

Ha vida, confusão, balburdia.—*Lolas*
o cavaleiro aplaudem rijamente,
emquanto o toiro diz pacientemente:
—*Que mal fiz eu a estes patetólas?*...

Teem elles brindes, premios, mil charutos!
Cá nós, porém, irracionaes e brutos,
sem fazer mal algum, *farpa e garrócha*...

Ora, qual d'estas cousas tem mais síso?
—O marrar, por ser toiro ou ser preciso,
—ou matar, sendo homem, por *bambócha?*...

AS RUINAS NACIONAES

Vejo em pó, com tristeza, as Catedraes
torres godas, romanas, bysantinas,
arcos moiros, ogivas, mil vitraes,
—velhos candeios... nichos em ruinas!...

Apesar de Diabo amo as piscinas,
e azulejos com Santos medievaes,
ferve-me o sangue ao vêr os vis chacáes
—claros padrões tornarem em sentinas!...

Que fazes, Comissão dos monumentos?...
Sois fradalhões acaso pachorrentos,
aos quaes não turba o vandalismo atroz?...

ou *bons vivants,* de chambre, e de miténes,
capazes de jogardes o *lawn-tennis,*
—ou o bilhar, com os ossos dos Avós?...

PAISAGEM DA TARDINHA

N'uma casa de verdes gelosias,
fumo e espraio, no mar longiquo, as vistas!...
Vejo cascatas d'oiro e de ametistas,
fontes jorrando prata e pedrarias.

Passam nuvens errantes e vadias...
passam dragões com azas fantasistas,
guerreiros, em torreões d'agudas cristas,
palacios, catedraes, ruinarias.

E ao vêr todo o scenario fabuloso
que disfruto do Tejo melodioso:
— boscagens, ondas, sóes, musgos macios...

exclamo a rir, n'um gaudio de entremez:
Possue tudo isto um cervejeiro inglez!
—Lisboa! estás, como eu, *a vêr navios!*

ALFEITE E RAMALHAO!

Idílio de Macario

—Alfeite e Ramalhão!... Que a lira gema
dos menestreis, nas bastas ramarias,
n'essas ruas de murtas tão macias,
—onde é tão bom dormir... sonhar um poema!

N'uma álea de chorões, entre a alfazema,
surpreendi, a certa hora — Avé Marias —
uns certos beijos... certas ninharias
de uma paixão... na fase já suprema.

Era uma *loira* e um militar magano,
muito unidinhos, qual no idílio indiano,
a bailadeira e o seu guerreiro *châtria*.

Que faziam tão ternos, sem dar pio?
Não o sei dizer bem, mas desconfio...
—Tratando estavam de aumentar a patria!

OPINIÃO DE MACARIO SOBRE OS LAGOS

Na fila dos chorões sob os salgueiros,
que sobre o lago pendem suspirando,
passeia a Viscondessa, o braço dando
a Macario que fala em cosinheiros

E a Viscondessa, aos raios derradeiros
do sol, exclama, com seu gesto brando:
—«Como eu adoro um lago!... Aqui sonhando
«tenho vertido prantos verdadeiros!»

Macario apruma o seu nariz comprido
para o luar nascente e enternecido,
cravando o rubro olhar n'um loiro cacho...

géme, correndo em torno os olhos vagos:
«Ai, os lagos, ó Céos!... os claros lagos!
—que poesia se fossem de *Cartaxo!*

A RAINHA DA HOLLANDA

Um sonho de Macario

A Rainha da Holanda é muito bela.
Fiquei maluco, olhando o seu retrato!...
Eis que sonho com ella um doido rapto,
e ambos nós... rindo... n'um barquinho á vela.

Choviam lirios sobre as tranças d'ella,
boiavam cisnes sobre o mar pacato,
com peixes d'oiro e prata... e um canto grato
cortava d'ais o azul. Que noite aquella!

«Qual a coisa, no mar, mais cativante
«um dia te extasiou?—em voz cantante,
perguntou-me ella dengue e em mim curvada.

Mas tão tremulo eu estava, em cada membro,
que, a gaguejar, tornei-lhe — *só me alembro,*
Princeza!... de uma rica caldeirada!

MACARIO N'UM JARDIM

Fuma-se á meiga sombra das folhagens.
Conversam noivos, a arrulhar, baixinho.
Discutem-se algodões. — Devagarinho,
pálpa um *orango* a noiva, entre as paisagens.

De bandeja, um mulato, com tatuagens,
refrescos traz em roda. — O borborinho
eis torna-se em trovão, quando o focinho
do *môno* beija a noiva e faz visagens.

O brazíleiro páe tósa-o bramindo.
O namorado apruma-se, tossindo.
Da *Sinhá* faz-se a têz côr de cereja...

Um *crévé* diz tres lérias ao bugío.
Macario, mudo como um peixe, a fío,
...despeja doze *boks* de cerveja.

OS BEIJOS DE MACARIO

Do seu diario

Mandei á Viscondessa uma cartinha,
toda cheia de imagens e de trópos.
Falei-lhe em rosas, lirios, heliotropos,
no plenilunio e a voz da fontesinha!...

Entreguei-a á creada da cosinha,
que até por tal sinal quebrou dois copos,
atrapalhada, ao vêr que os misantrópos
dos patrões desconfiam da *alcofinha*.

Comtudo chega a carta a salvamento,
ás mãos da Viscondessa, que ao relento
anciosa me aguardou no seu jardim...

Eu, no emtanto, que amor! que scena louca!
toda a noite passei beijando a boca
... de uma botija de assombroso *gin*!

MACARIO E AS FLORES

No jardim, á tardinha, entre os canteiros
passeia a Viscondessa olhando as flores.
Macario olha sómente as rubras cores
dos morangos, cenouras, tomateiros.

E a Viscondessa diz: «— Entre os primeiros
vátes, brilhou Camões pelos amores.
Qual a flor — entre as mais — pelos primores
das tintas preferiu, ou por seus cheiros?...

Que flor amas tu mais? — » Macario espalha
em roda o seu nariz como fornalha
de inspiração e de poesia aláda...

e com um grito d'extase e respeito,
diz, com arranco e com a mão no peito:
— Eu cá, a couve-flor! *Rica salada!*

HOTEIS E RESTAURANTES

Opinião filosófica de Macario

— Não tens *ar típico* azulina terra,
nos teus trajos, teus usos, teus sainêtes!
Só tens nas rimas pastoris da serra,
do tempo dos soláos, reis, e valétes!...

Os teus Vateis, de candidos barretes,
ao estomago me fazem dura guerra,
com mil mólhos da França ou da Inglaterra,
e as cobras e lagartos dos *croquetes!...*

Tenho curtido indigestões medonhas,
mil cólicas, com bastas caratonhas,
e eu, que não sou ateu, mas bom cristão...

Tripas de Afonso Henrique! ao ver taes pratos,
corro aos lusos pitéos dos bons *Pacatos* (1)
— e acho um sabor catolico ao Capão!

(1) Certa locanda pastoril.

EXTASE DE MACARIO POR UNS OLHOS

Discutem-se olhos, com falar precioso,
da Viscondessa no salão azul.
— Diz um marquez garrido e mui taful,
que adora os olhos cor do céo brumoso.

Mas outro opõe ao olhar tempestuoso,
o azul celeste olhar, qual rei de Thúle.
— Outro diz que as sonátas de Méhul
são *verdes:* verde quer o olhar mimoso!

A Viscondessa, com sorriso aério,
interroga Macario grave e serio,
para ouvir madrigaes aos olhos d'ella.

«Eu, o olhar que mais amo e me é simpatico,
brada Macario, com sorriso extatico:
— É o *olho* do caldo da panela! (1)

(1) Sinonimo de *ôlha*.

EXCLAMAÇÃO DE MACARIO AS ESTRELLAS

Desceu a noite — Rutilas, brilhantes,
crivam estrellas mil a concha preta.
Delgada aragem, mui subtil, repleta
de aromas bons, anda a excitar amantes.

E a Viscondessa diz: — «Reinos distantes!
Astros, Céos, vastidões que ama o poeta,
inspiraes lá tambem, qual no planeta,
visões aos Berlióz, queixas aos Dantes?...

«Sois, mais que nós, falúas da Quimera?
«Sois, mais que nós, balcões da Fantasia?
«Daes lá o Amor que nada mate e extinga?...

Macario diz com fogo: — «Alvas lanternas!
alumiae-me nas regiões eternas.
— Talvez lá seja, mais em conta, a *pinga!...*»

OPINIÃO DE MACARIO SOBRE OS ROUXINOES

Na alameda das rosas, ao sol posto,
passeia a Viscondessa com Macario.
— Trina canções chorosas um canario.
— Um rouxinol responde-lhe saudoso.

A Viscondessa diz, palido o rosto:
— «Como amo os rouxinoes! O «*Stradivario*»
«não tem um canto assim aládo e vario
«como estes trilos... que dão pena e gosto!»

Macario aperta a mão, suavemente,
da Viscondessa, e com um ar plangente,
como afogado de um anceio algoz...

exclama, olhando ao longe os girasóes:
«Oh! sim! os rouxinoes!... os rouxinoes!
... são *inefaveis* feitos com arroz!

POBREZA DA ARTILHERIA NACIONAL

Narrativa de Macario, entre amigos

Um general de artilheria á mesa,
a falta deplorava de artilheiros.
Berrava, dando murros bombardeiros,
que estava em risco a patria portugueza!...

Tinha em casa uma loira camponeza,
linda cachópa de olhos mui frecheiros,
que ao impedido — a flor dos quarteleiros —
surpreendeu a beijar, de amor acesa.

O general, que era aguerrido chefe
de tropas, deu na moça um bom tabefe,
e berrou-lhe: — Que fazes tu, Maria?

Triste, correndo aos ais, para a cosinha,
«*Quero,* grita chorando a pobresinha,
a arma acrescentar da artilheria!...

DISCURSO DE MACARIO NO CEMITERIO

Consolações da transformação da Materia

É dia de finados. — Aos ciprestes
a Viscondessa vae palida e fria.
Leva o rosto crispado de agonia.
Arrasta longas e lutuosas vestes.

Macario vae tambem. — Teme os nordestes,
as frias catarraes e as pulmonias,
mas, ao escutar as lastimas das tias,
desentranha-se em mil sermões celestes.

E brada assim: —«Ó corações partidos!
«Orfãos sem paes! Senhoras sem maridos!
«Ó sobrinhos sem tias! Ó viuvas!...

«todo o pó sepulcral que aqui descança,
«tornar-se-ha, n'um dia, tende esp'rança!
— em laranjas... melões... pêcegos... uvas!»

AS CONVICÇÕES DE MACARIO

Toast politico

Sou Regenerador e dos maiores,
pois que é dever regenerar os bifes,
mais duros e mais córneos que os recifes
dos peitos dos preguistas e os credores!...

Sou Progressista e odeio esses horrores
de estrangeiros *menus* dos *iguelifes*,
onde somente ha mólhos, vis, traidores...
que me lembram caixões, tumbas, e esquifes.

Ninguem, como eu, a Monarquia présa,
assim como a lavoira portuguesa,
e o patrio vinho, o porco, o bom leitão...

Quanto a Republica, a essa vivandeira,
se ella um dia assomar, vou-lhe á frasqueira,
— *pois que rôxo foi sempre o meu pendão!*

BRINDE DE MEFISTÓFELES A MACARIO

Macario, és o Rei dos bachareis,
Macario, és o Nabúco das *cardinas,*
Macario, és Salomão entre as meninas,
Macario, és Rochefort entre os toneis.

Tu és sublime á hora dos pasteis!...
Não tens rival á hora em que as terrinas
fumégam... quando ha trufas, gelatinas,
e o *Cognac,* o *Clicquot,* os Moscateis!

Camões das sobremesas dos festins!
Mirabeau das geleias e pudins!
és um coral nas trevas de um recife...

És lapidar, piramidal, supérno,
és o padrão do *bacharel moderno,*
— que, a cavalo no Ideal, marcha ao rosbife!

RESPOSTA DE MACARIO A MEFISTÓFELES

Eu prefiro um bom caldo da hospedeira,
ao chilrear cantante da andorinha,
prefiro abraçar já a taberneira,
... a, vinte annos depois, uma Rainha.

Eu prefiro a um salão — uma cosinha,
prefiro a um bom poema — uma frasqueira,
prefiro a Victor Hugo — uma sopeira,
e um bom charuto... á estrela da noitinha!

Prefiro rir e patuscar nos campos,
a ver tremulusir os pirilampos,
e á voz da rôla á tarde, e ao colibrí...

prefiro um bife á aragem dos palmares,
e á hebreia Sulamite dos cantares,
... um copinho do bom *jiripití!*

A ESTATUA
DO CONSELHEIRO ACACIO

Oférta de Mefistófeles á Cidade

Antes de emfim deixar este palacio
do Sol, que aloira as agoas cristalinas,
quéro ofertar aos paes, mães, e meninas,
a imagem fiel do *Conselheiro Acacio.*

Cinzelei uma estatua que no Lacio
lhe ergueriam decerto ás prendas dinas.
Dei-lhe a *póse* oratoria e um ar de Horacio,
de casaca... comendas... calças finas.

Um receio porem me martirisa,
uma incerteza atroz me penalisa,
que abala até um peito de basalto...

é o terror mais feio que o Caronte,
de não saber o que lhe hei-de pôr na fronte:
Os loiros... o tricórneo... ou o chapéo alto?

O ADEUS DE MEFISTOFELES A LISBOA

Patria do bom Macario!... eu vou deixar
os teus bairros mouriscos e profanos,
os teus saguões da Baixa, os teus pianos,
— e as condessas gentis de quinto andar!

Vou, saudades transindo, abandonar
teus castelos roqueiros lusitanos,
tão rijos como os bifes... que os ciganos
dos teus hoteis me dão para rilhar!

Adeus archeiros e *Solar dos Bicos,*
balcões e varandins com mangericos,
vitraes... adufas... torres... velhas Sés!

Adeus Lisboa! engorda, canta, e ama,
trina ao luar no teu violão da Alfama...
— mas lava, a meúdo, os *pequeninos pés!*

NOTA FINAL

Podem diser que Mefistófeles exagerou ainda mais a sua natural *má língoa,* na viagem a Lisboa: mas trez cousas lhe não podem contestar: — *a sua espontanea graça: o seu humorismo muito original: e o fundo da verdade incontestavel.* Mefistófeles, — apesar de demonio pessimista e sarcastico — decerto que não foi tão injusto e luciferino, como á primeira vista possa parecer. E para o que, leia-se com attenção a seguinte carta que um provinciano de muito bom senso — e atilado bom gosto — fez publicar n'um dos diarios de maior circulação da capital.

A parte, a critica dos costumes e o pessimismo ironico, — mas baseado sempre na verdade como se encontra ás vezes nos maiores exage-

ros dos espirituosos, e á parte tambem a ácida ironia e a psicologia dos seus habitantes, em que o sensato provinciano (como elle se asina) se abstem de entrar, por não ser essa a sua especialidade, ou não ser o seu capital assunto, muitos dos defeitos primaciaes de Estetica, de Aceio, Higiene, e sobretudo de falta de gosto que se notam na *Princeza do Tejo de Cristal* (como a apelidam suavemente os liricos) varios d'esses defeitos que Mefistófeles zarganchou risonhamente nos seus sonetos, encontral-os-hão tambem os leitores apontados nas linhas seguintes do observador que citamos. Leia-se com atenção os sonetos *Lisboa! Lisboa!* As *Ruas da Baixa,* o *Prefacio Pequenino,* as *Ruinas Nacionaes,* e ver-se-ha que concordam plenamente as duas opiniões. — Eis a carta:

«Não se pode deixar dizer que Lisboa progride espantosamente. Abrem-se amplas e formosas avenidas e logo são marginadas de magnificos predios. A sua situação geographica, o seu temperadissimo clima, o Tejo que imprime á grande cidade um realce admiravel, os seus florescentes e opulentos jardins, as suas alinhadas ruas e lindissimas avenidas, luxuosos estabelecimentos, caprichosos passeios feitos a mosaico, etc., etc., tudo isto, emfim, dá

um aspeto atraente, encantador, a Lisboa que todos os estrangeiros admiram.

E se se corrigissem muitos defeitos que, infelizmente, este grande centro ainda tem, defeitos alguns dos quaes ousarei apontar, pelo muito que amo a nossa linda capital, Lisboa, se não rivalisa já, poderia então rivalisar em belleza com as mais formosas cidades da Europa.

Principio pela magestosa e simetrica Praça do Commercio, lamentando o estado de pouco asseio em que se encontram os edificios dos ministerios, exteriormente: pouco asseio que muito dá na vista a qualquer forasteiro, quer seja nacional, quer seja estrangeiro.

O marmore e as magnificas estatuas que ornam o sumptuoeo Arco da Rua Augusta, estão denegridos tambem de immundice. (1)

E o mesmo se pode dizer do edificio do Arsenal da Marinha, e de alguns predios que existem nas principaes ruas da Baixa, que parece que não tornaram a levar cal desde que foram edificados. Da estatua do immortal cantor dos Lusiadas, que se encontra no mesmo estado de aceio, já a imprensa por varias vezes se occupou.

Lisboa possue já bastantes museus. Se não estão tão completos como os que se admiram nas grandes capitaes da Europa, são todavia dignos de serem visitados.

O que é para sentir é que durante as festas que tão fre-

(1) Não são só as estatuas do *Arco da Rua Augusta* — são quasi todas as dos nossos monumentos nacionaes – incluindo a estatua da *Praça do Commercio*, onde se encontram lixos, sordicias, detritos de frutas, cabeças de carapaos, e restos avariados de hortaliças.

G. L.

quentemente se realisam em Lisboa, e que tanto forasteiro attrahem, não estejam todos em exposição ao publico, como succedeu nos dtas em que ahi permaneceram a rainha Alexandra e o imperador da Allemanha.

Fala-se ha muito que em breve se vae expôr ao publico o museu dos coches de gala da casa real. E' uma medida acertada e que ha muito devia ser posta em pratica, pois que é um grande melhoramento para Lisboa. Passam por os melhores da Europa os alludidos coches de gala.

E' muito digno de admiração o Museu Colonial da Sociedade de Geographia, não só pelas riquezas que importa das nossas colonias, mas tambem pela boa ordem e disposição em que tudo se encontra, devendo, todavia, notar que os manequins dos costumes nacionaes que ali se encontram expostos, pouca ou nenhuma similhança teem com os lindos trajes das nossas camponezas do norte do paiz.

Quem vê esses costumes não faz a minima ideia do que são os elegantes trajes das tricanas d'Aveiro e da lavradeira dos arredores do Porto, pitorescos trajos, tão admirados por quem visita a capital do norte.

A Avenida da Liberdade é digna de ser admirada pela sua extensão, pelos seus sumptuosos palacios com frondosas palmeiras.

Vi ha pouco ali mudarem o mercado de Sant'Anna para o Aterro.

Se mal estava, peor ficou.

Bem sei que estava desfeiando a linda alameda do Campo de Ssnt'Anna; mas, ao menos, não era visto pela

maior parte dos estrangeiros que visitam Lisboa, principalmente excursionistas; e, no sitio em que agora está, não escapará á vista dos estrangeiros excursionistas.

Verdade é que ali perto tambem se encontra ha muitos annos, provisorio, um barracão a que dão o nome de *Estação do Caes do Sodré*, que não envergonha o mercado provisorio que foi agora ali estabelecido.

Pelo que vejo, dentro em pouco, naquelle sitio, tão concorrido e lindo, tudo será provisorio.

Coisas nossas!...

Termino dizendo que, se houvesse boa vontade e energia por parte dos nossos governos e camara municipal, como ha pela maior parte dos habitantes d'essa formosa cidade — que mandam fazer estatuas por subscripção e construir luxuosos palacios, Portugal, dentro em pouco tempo, poderia ufanar-se de possuir uma das mais bellas capitaes da Europa.»

Lisboa, 1 de Maio de 1905.

(Um provinciano).

Todas estas cousas — deve-se convir — são decerto turpitudes e miserias: — mas podem remediar-se facilmente, com mais um pouco de atenção, de boa previdencia e de constante, de tenaz, persistente e erudita higiene. (1) Mas o

(1) Veja-se o que está fazendo sabiamente a *Propaganda de Portugal.*

defeito dos Costumes... da Moral... dos temperamentos e dos habitos inveterádos e viciosos... da hereditaria e da abacial Preguiça... e sobretudo da materialissima, pezadissima, e imbecilissima Rotina?... Que diques lhe pôr? A quem é que importa isto?... Acaso importa isto a alguem?... Quem triunfa é o Bacharel Macario. Como diz filosoficamente Mefistófeles: — *Lisboa engorda e ri!*

Esta mesma mania do *estrangeirismo* e febre da civilisação, se socialmente paréce um bem, não *será* moralmente um mal, e não carreará tambem n'esta enxurrada torpe da Corrupção o resto das nossas virtudes civicas, simples, e familiares?... *Caveant consules!*

Lisboa, 1-5-905.

G. L.

ALGUMAS EDIÇÕES

DA

LIVRARIA GUIMARÃES & C.ª

68 — RUA DE S. ROQUE — 70

Outonaes, versos de Delfim Guimarães, 1 vol.....	500
A fome de Camões, poema em 4 cantos, de Gomes Leal, 1 vol.....	300
A Duqueza de Brabante, versos, de Gomes Leal, com a traducção em francez, de H. Faure.....	100
Auto da Rainha Claudia, de J. Dantas	100
Coração meu, de José Cordeiro, 1 vol.	600
Rapsodias da epopea portugueza, poemetos, por Theophilo Braga:	
O Baptismo das Naus.....	200
O Velho do Restello.....	200
Edições em papel de linho, numeradas, cada.....	500
Apostrophe, de Daniel Rodrigues....	100
Versos d'um Contemporaneo, de Raphael Alcobia Lezameta, prefacio de Gomes Leal, 1 vol.....	500

A Cinza dos Myrthos, poemas, por Alberto Osorio de Castro, 1 vol.... 600

O aucto do busto, por Marcellino Mesquita..... 200

Viagem á roda das Viagens, por Alberto Pimentel (a proposito das **Viagens na minha terra**, de Garret)... 200

El-Rei D. Miguel, chronica popular do absolutismo, por Faustino da Fonseca, 1 vol. in-4.º com muitas illustrações..... 1$200

Saudades, (Menina e moça), de Bernardim Ribeiro. Edição revista e corrigida, por Delfim Guimarães, 1 vol..... 200

Pela Vida fóra, por Silva Pinto. 1 vol. com muitas cartas de Camillo, Cesario Verde, etc, etc..... 800

Crises, romance brasileiro, pelo dr. Almachio Diniz, 1 vol..... 500

Relances da palestina, pelo P.e Mattos Ferreira, 1 vol. illustrado..... . 500

Meia noite, peça em 3 actos de D. João da Camara, 1 vol..... 500

Aldeia na Côrte, peça em 3 actos, de D. João da Camara e Delfim Guimarães, 1 vol..... 500

Juramento Sagrado, 1 acto, de Delfim Guimarães..... 200

Pintores e poetas de Rilhafolles, por Julio Dantas. 1 vol. illustrado.... 400

Ambições, romance de D. Anna de Castro Osorio, 1 vol..... 700

Werther, de Goethe. 1 vol..... 200

Um conchego de Solteirão, de Balsac, 1 vol..... 200

Nami-Ko, romance japonez, de Kenjiro Tokutomi, 1 vol..... 200

Lyra insubmissa, versos, por Abel Botelho, 1 vol..... 500

Relampagos, versos, por Fernando Leal 1 vol..... 600

Nós, versos, por Affonso Gayo, 1 vol. 500

Noites de Vigilia, por Silva Pinto, 4 vol. 1$600

Arte de dizer, por José Antonio Moniz, 1 vol. illustrado..... 1$000

Mario, romance de Silva Gayo, 1 vol. in-4.°, illustrado, 3.ª edição..... 1$700

O Rosquedo, romance, por Delfim Guimarães, 1 vol..... 200

As Semi-Virgens, romance, por Marcel Prévost, 2 vol. illustrados..... 400

O Jardim dos Suplicios, por Octavio Mirbeau, 1 vol..... 200

A Burla do Casamento, romance por René Emmery, 1 vol. illustrado.. 500

Memorias d'uma Chaise-longue, romance illustrado, 1 vol. (no prelo).

Amor e liberdade, por Tolstoi, 1 vol. (no prelo).

Casamento d'amor, romance de Theuriet. 1 vol. (no prélo).

Alma de Criança, romance de Dostoiewski, 1 vol. (no prélo).

Naná, romance de Zola, (em preparação).

Memorias de uma criada, romance de Octavio Mirbeau; (em preparação).

PQ
9261
G64M44

Gomes Leal, António Duarte
Mefistófeles em Lisboa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 10 10 006 8